

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

DINAR FONTOURA FERNANDES

HARMONIA VOCÁLICA EM JOVENS ESCOLARIZADOS DE PORTO ALEGRE:
UMA ANÁLISE VARIACIONISTA

Porto Alegre
2014

DINAR FONTOURA FERNANDES

HARMONIA VOCÁLICA EM JOVENS ESCOLARIZADOS DE PORTO ALEGRE:
UMA ANÁLISE VARIACIONISTA

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de grau de Mestre, pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Prof^a. Dr. Leda Bisol
Orientadora

Porto Alegre
2014

DINAR FONTOURA FERNANDES

HARMONIA VOCÁLICA EM JOVENS ESCOLARIZADOS DE PORTO ALEGRE:
UMA ANÁLISE VARIACIONISTA

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de grau de Mestre, pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Dr. Leda Bisol - PUCRS

Profª Dr. Elisa Battisti - UFRGS

Profª Dr. Eneida de Goes Leal - PUCRS

Dedico esta dissertação ao meu pai e à memória da minha mãe, a qual incentivou as etapas da minha vida. Meus presentes mais valiosos herdados são a persistência e a motivação à minha formação.

AGRADECIMENTOS

À Profª Leda Bisol, pela sua orientação dedicada, constante disponibilidade e ensinamentos valiosos como professora e pesquisadora.

À Profª Claudia Brescancini, pelas aulas de fonologia quem me introduziram à pesquisa, pelo seu apoio, incentivo e ensino ao longo do curso.

À Profª Eneida Leal, pelas aulas de fonologia, pelos conselhos e incentivos.

À Profª Ana Ibaños e à profª Leci Barbisan, com quem muito aprendi.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, pelo aprendizado e pela contribuição.

À CAPES, pela bolsa concedida, que permitiu minha dedicação exclusiva.

Ao VARSUL por ter disponibilizado o material necessário para a realização deste estudo.

À equipe da secretaria do Programa de Pós-Graduação, pela eficiente disponibilidade e amparo.

Aos amigos e colegas, Ana Paula, Carla, Ivanete, Marcos, Susiele, Susana, pelos bons momentos juntos e estímulos incansáveis nos momentos difíceis.

À minha família, pela compreensão e apoio.

"[...] *I never was aware of any other option but to question everything*". (CHOMSKY, Noam, *The Observer*, Novembro de 2003).

RESUMO

O presente estudo tem como tema a elevação variável das vogais médias em pauta pretônica antes de vogal alta, referida como harmonia vocálica, como menino~minino, coruja~curuja. O objetivo é investigar e analisar os dados quantitativamente a partir da perspectiva da Sociolinguística, com base em Labov (1965,1972), a fim de comparar os resultados dessa amostra inédita, constituída somente de jovens de 16 a 23 anos, com resultados de outras já realizadas com informantes de mais de 25 anos. O tema já foi objeto de estudo de diversos trabalhos, entre eles Bisol (1981), Schwindt (1995) e Casagrande (2003), com dados do português falado no sul do Brasil. A amostra utilizada neste projeto pertence ao projeto Variação Linguística do Sul do País (VARSUL), criado em 1988. Constitui-se de entrevistas de 19 informantes da cidade de Porto Alegre. Os dados foram expostos em tabelas e os resultados discutidos e interpretados. Foi feita uma tentativa de generalização de resultados com outros estudos.

Palavras-chave:

elevação de vogal – vogais pretônicas – variação sociolinguística

ABSTRACT

The present study deals with the variable raising of mid vowels in pretonic context, referred to as vowel harmony, in words like menino~ minino, coruja ~ curuja. The aim is to investigate and analyze the data quantitatively from the perspective of sociolinguistics, based on Labov (1965,1972) in order to compare the results of this unprecedented sample, consisted only of those aged from 16 to 23, with results of other researches already held with informants over 25 years. The topic has already been the subject of studies by other scholars, including Bisol (1981), Schwindt (1995), and Casagrande (2003). The sample used in this project belongs to Projeto Variação Linguística do Sul (Project Language Variation in the South - VARSUL). This research consists of interviews with 19 informants of the city of Porto Alegre. The data will be reported in tables and the results discussed and interpreted. An attempt of generalizations will be made with results of precedent studies.

Keywords: vowel raising – pretonic vowels – sociolinguistic variation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Sistema Vocálico no Modelo Autossegmental	22
Figura 2 - Neutralização da Vogal Átona.....	23
Figura 3 - Neutralização da Vogal Postônica Não-Final.....	23
Figura 4 - Neutralização da Vogal Átona Final.....	24
Figura 5 - Função Monótona Crescente.....	29
Figura 6 - Traços Distintivos de Chomsky e Halle.....	33
Figura 7 - Harmonia Vocálica por meio de Matrizes de Traços.....	33
Figura 8 - Representação da Geometria de Traços	35
Figura 9 - Geometria de Traços das Vogais.....	36
Figura 10 - Representação da Harmonia Vocálica pela Geometria de Traços	37
Figura 11 - Representação Geométrica da Harmonia Vocálica	38
Figura 12 - Codificação dos Dados	53
Figura 13 - Cruzamento de Idade e Proporção de Elevação – Gênero Feminino.....	66
Figura 14 - Cruzamento de Idade e Proporção de Elevação – Gênero Masculino....	67

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resultados de Frequência Global.....	56
Gráfico 2 - Resultados da Variável Gênero.....	65
Gráfico 3 - Atonicidade da Vogal Alvo para /e/.....	73
Gráfico 4 - Atonicidade da Vogal Alvo para /o/.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sistema Vocálico em Posição Tônica (Câmara Jr.)	18
Quadro 2 - Sistema Vocálico em Posição Pré-Tônica (Câmara Jr.).....	19
Quadro 3 - Sistema Vocálico em Posição Postônica Não-Final (Câmara Jr.)	19
Quadro 4 - Sistema Vocálico em Posição Postônica Final (Câmara Jr.).....	20
Quadro 5 - Sistema Vocálico em Posição Tônica (Lopez)	20
Quadro 6 - Sistema Vocálico em Posição Pré-Tônica (Lopez).....	21
Quadro 7 - Sistema Vocálico em Posição Postônica Não-Final (Lopez)	21
Quadro 8 - Sistema Vocálico em Posição Postônica Final, (Lopez).....	21
Quadro 9 - Variáveis Seleccionadas Pelo Programa por Ordem de Relevância	57
Quadro 10 - Porcentagem de Aplicação da HV por Informante	57
Quadro 11 - Pesquisas Utilizadas na Revisão	69
Quadro 12 - Características das Amostras Completas de E1, E2, E3, E4	70
Quadro 13 - Características das Amostras de Porto Alegre de E1, E2, E3, E4, E5..	71
Quadro 14 - Variáveis Consideradas nos Estudos de Harmonia Vocálica	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Homorganicidade	58
Tabela 2 - Contexto precedente	59
Tabela 3 - Nasalidade	60
Tabela 4 - Contiguidade	61
Tabela 5 - Contexto Seguinte.....	62
Tabela 6 - Tipo de Sílabas	63
Tabela 7 - Atonicidade da Vogal	63
Tabela 8 - Classe Gramatical	64
Tabela 9 - Gênero	65
Tabela 10 - Escolaridade	66
Tabela 11 - Contiguidade	68
Tabela 12 - Aplicação da regra de HV para /e/ e /o/ de Bisol e Casagrande	72
Tabela 14 - Dados da Contiguidade em E3 e E5	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	18
1.1 ANÁLISE DE LOPEZ (1979)	20
1.2 ANÁLISE DE WETZELS (1992).....	22
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA E TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	25
2.2 REFLEXÕES ACERCA DE DADOS SOCIOLINGUÍSTICOS	30
2.3 MODELOS FONOLÓGICOS	32
2.3.1 Fonologia gerativa clássica	32
2.3.2 Fonologia não-linear e geometria de traços	34
3 REVISÃO DE LITERATURA	38
3.1 ESTUDOS ACERCA DA HARMONIA NO BRASIL.....	39
3.2 A HARMONIA VOCÁLICA NO DIALETO GAÚCHO	41
4 METODOLOGIA	46
4.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA	46
4.1.1 Amostra desta Pesquisa	46
4.1.2 Localidade de Fala: Aspectos Históricos e Geográficos	46
4.1.3 Projeto VARSUL	48
4.2 DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS.....	49
4.2.1 Variável Dependente	49
4.2.2 Variáveis Independentes Linguísticas	49
4.2.2.1 Homorganicidade	49
4.2.2.2 Contiguidade.....	50
4.2.2.3 Nasalidade da vogal	50
4.2.2.4 Atonicidade da vogal.....	50
4.2.2.5 Classe Gramatical.....	51
4.2.2.6 Tipo de Sílabas.....	51
4.2.2.7 Contexto fonológico precedente	51
4.2.2.8 Contexto fonológico seguinte.....	51
4.2.3 Variáveis Independentes Extralinguísticas	52
4.2.3.1 Gênero	52
4.2.3.2 Faixa Etária.....	52
4.2.3.3 Escolaridade	53
4.3 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	53
4.3.1 Programa Estatístico	53

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	56
5.1 RESULTADOS DE FREQUÊNCIA GLOBAL PARA AS VOGAIS.....	56
5.2 DISCUSSÃO	57
5.3 AMÁLGAMA COM VISTA À COMPARAÇÃO.....	68
5.4 TENTATIVA DE GENERALIZAÇÃO DE RESULTADOS DE ESTUDOS DE HARMONIA VOCÁLICA NO DIALETO GAÚCHO	69
5.4.1 Tentativas de Generalização	72
APÊNDICE A - LISTA DE PALAVRAS QUE CONSTITUÍRAM O CORPUS.....	77
APÊNDICE B - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA.....	85
REFERÊNCIAS.....	86
OBRAS CONSULTADAS	91

INTRODUÇÃO

Após uma longa tradição de reflexão sobre as origens da linguagem, e indagações comparativistas, começam os estudos sincrônicos de língua, a partir de Saussure (1916) no início século XX.

Estudos como os de Trubetzkoy (1969) e Jakobson (1962), desenvolvidos na fonologia, tiveram cunho estruturalista, apoiados em Saussure. Por outro lado, o estruturalismo norte-americano foi representado pelas idéias de Bloomfield (1933) que se estendeu nos Estados Unidos até meados de 1950, conhecida como teoria distribucionalista, uma vertente do estruturalismo. Edward Sapir (1921) e Bloomfield são apontados como autores clássicos da linguística norte-americana.

Com Chomsky e Halle (1968), surge a teoria gerativa clássica. Essa parte da idéia de que a linguagem é uma capacidade inata do ser humano. A gramática deixa de ser meramente descritiva e passa a ser também explicativa, valendo-se de princípios universais, com o fim de descrever e explicar a capacidade do indivíduo de produzir linguagem. Essa proposta gerativista compreende as noções de estrutura profunda e estrutura de superfície, e princípios da Gramática Universal. De acordo com esse modelo, os falantes têm uma capacidade inata de produzir linguagem, uma estrutura profunda de informações. Por meio de regras, essa estrutura é modificada e gera estruturas de superfície, isto é, manifestações da fala. Ao tratar de fonologia, a representação fonológica seria o nível subjacente, ou profundo, e a representação fonética, o nível de superfície.

Os modelos estruturalista e gerativista tiveram uma grande contribuição para a evolução do pensamento fonológico, ao trazer a noção de traço distintivo, classes naturais e regras fonológicas. Todavia, por serem modelos lineares, apresentam limitações quanto à descrição de aspectos suprasegmentais, como acento e tom. Assim, a partir de Goldsmith (1979), surgem os modelos não-lineares, que buscam anexar um estudo não-linear a uma análise interna do fato linguístico. Fazem parte do modelo não-linear a fonologia autosegmental, fonologia métrica, fonologia lexical e a teoria da sílaba.

Os estudos estruturalista e gerativista não visavam a análise do componente língua/sociedade. Entretanto, a Sociolinguística começou a desenvolver esses estudos nos Estados Unidos com Labov (1966, 1969, 1972), resgatando dessa forma a importância da relação entre o uso da língua e os padrões sociais.

Constitui um dos aspectos da Sociolinguística descrever a variação de fatos de língua, isto é, da realização de sons linguísticos, em dada regra do sistema, considerando que um sistema linguístico tenha de contar com elementos categóricos, ao lado desses, há variantes livres. Identificar as variantes como parte integrante da língua torna-se importante em uma descrição linguística de caráter analítico. A percepção da variação permite destacar importantes questões e fatos, que contribuem para o melhor conhecimento da língua.

A pauta pretônica do português brasileiro tem recebido grande atenção de pesquisadores, por ser o domínio de diversas regras, como a neutralização e o fenômeno da elevação sem motivação aparente, (Klunck 2007, Cruz 2010), em que a elevação ocorre sem a presença de vogal alta na sílaba seguinte, como b[o]neca~b[u]neca, p[e]queno~p[i]queno, p[o]rque~p[u]rque.

A harmonia vocálica, doravante HV, foco deste estudo, é um processo assimilatório regressivo que, em português, tem aplicação variável, e consiste na elevação das vogais médias [e] e [o] diante de uma vogal alta em uma sílaba subsequente, como em v[e]stido~v[i]stido, c[o]stume~c[u]stume.

Os diferentes fenômenos de variação em pauta pretônica já foram objeto de estudo de diversos trabalhos no país, em diferentes estados:

I) Rio Grande do Norte - Maia (1986); II) Minas Gerais - Viegas (1995[1987]); Guimarães (2006); Alves (2008), Dias (2008), III) Distrito Federal - Bortoni; Gomes; Malvar (1992); IV) Paraíba - Pereira (1997); V) Bahia - Barbosa da Silva (1989), VI) Rio de Janeiro - Callou, Leite e Coutinho (1991), VII) Rio Grande do Sul - Bisol (1981), Battisti (1993), Schwindt (1995), Casagrande (2003); VIII) Espírito Santo - Célia (2004); IIX) Goiás -Graebin (2008); IX) Pernambuco - Barbosa da Silva (2008); X) Piauí - Silva (2009), entre outros.

De especial interesse para nossa pesquisa são os estudos de harmonia vocálica do dialeto gaúcho, realizados por Bisol (1981), Schwindt (1995) e Casagrande (2003), pois este trabalho se refere à faixa etária não considerada naqueles estudos.

O objetivo deste estudo é buscar generalidades quanto ao papel dos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem a aplicação da regra de HV. Pretende-se verificar questões relacionadas ao uso da regra e aos contextos fonológicos em que pode ocorrer; interpretar os resultados e apontar os motivadores, do ponto de vista da teoria fonológica moderna e da Teoria da Variação. Obtidos os resultados

da análise estatística, far-se-á um estudo comparativo com os resultados de análises precedentes quanto ao estatuto da harmonia vocálica.

Este trabalho se divide nas seguintes partes: no primeiro capítulo apresentamos a análise de Mattoso Camara do sistema vocálico do português brasileiro, bem como a descrição de Lopez (1979) na linha da fonologia gerativa e a de Wetzels (1992) na linha da teoria autosegmental; no segundo capítulo, a fundamentação teórica, tendo por base a Teoria da Variação e a Geometria de Traços; no terceiro capítulo, a revisão de literatura dos estudos realizados acerca da pauta pretônica nos diferentes estados do Brasil, bem como os estudos específicos do dialeto gaúcho; no quarto capítulo, a metodologia utilizada, constituição da amostra e método de análise estatístico; no quinto capítulo, a análise e discussão dos resultados expostos em tabelas e uma tentativa de generalização de resultados de estudos de harmonia vocálica no dialeto gaúcho; e por fim, as considerações finais.

1 SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Mattoso Câmara apresenta o português brasileiro em um sistema de sete fonemas vocálicos - que se reduz a cinco na pretônica, a quatro na postônica e a três na átona final, descrevendo-o na linha da fonologia estruturalista. Este modelo de sete, cinco, quatro e três vogais foi descrito por Lopez (1979), na linha da fonologia gerativa, e por Wetzels (1992) na linha da teoria autosegmental.

O sistema da pauta pretônica de sete vogais está exposto no Quadro 1 de acordo com a concepção de Mattoso Câmara (2009):

Altas	/u/			/i/
Médias		/o/		/e/
2º Grau				
Médias		/ɔ/		/ɛ/
1º Grau				
Baixa			/a/	
	Posteriores		Central	Anteriores

Quadro 1 - Sistema Vocálico em Posição Tônica, (Mattoso Câmara, 2009[1970], p. 41)

Define-se fonema como um conjunto de traços que tem a propriedade de distinguir palavras como *pata, bata; soco, suco; lê, li*. Trata-se de um sistema triangular em que as vogais e/ɛ e o/ɔ são distintas, distinção essa sem representação na escrita, como *sede/sɛde* e *soco/sɔco*. Na parte mais baixa do triângulo, tem-se a vogal /a/. Há uma série de três vogais realizadas posteriormente, e uma série de três vogais realizadas anteriormente. As vogais expostas no Quadro se realizam plenamente em posição tônica no dialeto carioca.

Na pauta pretônica, o sistema fica reduzido a cinco vogais:

Altas	/u/		/i/
Médias	/o/		/e/
Baixa		/a/	
	Posteriores	Central	Anteriores

Quadro 2 - Sistema Vocálico em Posição Pré-Tônica, (Mattoso Camara. 2009[1970], p. 44)

No Quadro 2, é perdida por neutralização a distinção entre as médias baixas, permanecendo apenas as médias de segundo grau /o/ e /e/. Por exemplo: b[ɛ]lo – b[e]leza, caf[ɛ] – caf[e]teira. Entende-se por neutralização a perda de um traço distintivo que reduz dois fonemas a uma unidade fonológica.

Além da neutralização entre as médias, Mattoso Câmara também descreve a ocorrência variável da harmonia vocálica na pauta pretônica como um processo assimilatório.

Na posição postônica não-final, no Quadro 3, o sistema se reduz a quatro vogais pela perda de traço distintivo que identifica as vogais u/o, por exemplo, fósforo~f[ɔ]sfuro, abóbora~ab[ɔ]bura.

Altas	/u/		/i/
Médias	/../		/e/
Baixa		/a/	
	Posteriores	Central	Anteriores

Quadro 3 - Sistema Vocálico em Posição Postônica Não-Final, (Mattoso Câmara. 2009[1970], p. 44)

Contudo, na pauta pôstônica não-final, em variedades do sul do país, o sistema não fica reduzido a três vogais, pois, segundo Vieira (2002), há palavras do tipo cóc[o]ras, ânc[o]ra, em que não ocorre a elevação, ao lado de outras em que tendem a manifestar a vogal alta, como fósf[u]ro, prót[i]se. Trata-se, pois, de uma pauta variável entre subsistemas de cinco e três vogais. Parece que em tais variedades a neutralização ainda não se completou.

Por fim, em sílabas átonas finais, seguidas ou não de /S/, as vogais /e/ e /i/, /o/ e /u/ perdem a distintividade, reduzindo o subsistema vocálico apenas a três vogais, como em bol[o] ~ bol[u] e pent[e] ~ pent[i].

Altas	/u/		/i/
Baixa		/a/	
	Posterior	Central	Anterior

Quadro 4 - Sistema Vocálico em Posição Postônica Final, (Mattoso Câmara. 2009[1970], p. 45).

Esse é o sistema descrito por Mattoso Câmara na linha estruturalista. Passamos agora à descrição de Lopez.

1.1 Análise de Lopez (1979)

Lopez segue as principais ideias de Camara Jr., por exemplo, ao admitir que não existem em português vogais nasais, e sim, vogais nasalizadas por consoante nasal em final de sílaba, mas apresenta o sistema vocálico do português por meio dos traços binários de Chomsky e Halle (1968). Até então, os fonólogos do português brasileiro haviam trabalhado essencialmente com interpretações tradicionais de traços das vogais na caracterização dos fonemas, como anterior, posterior, alta, média e baixa, de acordo com o trato oral e o espaço fonético da cavidade bucal.

A distribuição das vogais no dialeto carioca, proposta por Lopez, é determinada tendo por base o acento primário. Vale-se do traço [\pm rsd]¹ para distinguir as médias.

	-bk	+bk
+hi	i	u
+rsd	e	o
	ɛ	ɔ
+lo		a

Quadro 5 - Sistema Vocálico em Posição Tônica, (Lopez, 1979, p. 88)

¹ O termo "raised" utilizado pela autora teria equivalência em português à 'elevado' ou 'alçado'.

Dessa forma, o Quadro 5 apresenta sete vogais classificadas em altura: [\pm hi]; *high* ou alta; [\pm rsd]; *raised*; [\pm lo]; *low* ou baixa; e [\pm bk]; *back* ou posterior.

Em posição pretônica antes de consoante há cinco vogais:

	-bk	+bk
+hi	i	u
	e	o
+lo		a

Quadro 6 - Sistema Vocálico em Posição Pretônica, (Lopez, 1979, p. 88)

No Quadro 6, assim como na análise de Mattoso Camara, perde-se por neutralização a distinção entre as médias, permanecendo, neste caso, apenas as médias /e/; [+lo,-bk], e /o/; [+lo,+bk]. Lopez (1979) afirma que a evidência de neutralização entre os sistemas de sete e cinco vogais é clara na pretônica, como se vê pelas inúmeras alternâncias em exemplos como p/ ϵ /dra - p/e/dral; s/ \circ /l - s/o/laço; etc.

Reconhece a falta de evidência para a neutralização das postônicas, mas as admite. Há a neutralização entre /o/ e /u/, como em pér[U]la - per[o]lar, reduzindo-se o sistema a quatro vogais:

	-bk	+bk
+hi	i	u
	e	
+lo		a

Quadro 7 - Sistema Vocálico em Posição Postônica Não-Final, (Lopez, 1979, p. 88)

Por fim, em posição átona final há apenas três vogais, resultado de neutralização entre /o,u/ e /e,i/, como mostra o Quadro 8.

	-bk	+bk
+hi/-lo	i	u
+lo		a

Quadro 8 - Sistema Vocálico em Posição Postônica Final, (Lopez, 1979, p. 89)

No que diz respeito às vogais postônicas finais, às vezes, há questões complexas na área dos verbos, em que verbos da segunda conjugação que tem “e” como vogal temática, manifestam “i” em posição átona final, como *dever* – dev/I/, da mesma forma que os verbos de terceira conjugação, cuja vogal temática é “i”, em *partir* – part/I/, confundindo-se verbos de vogais temáticas diferentes (Lopez, 1979).

Vale ressaltar que, embora a neutralização não seja um tópico da teoria de Chomsky e Halle, Lopez a adota segundo Mattoso Câmara.

1.2 Análise de Wetzels (1992)

Com fundamentos na Fonologia Autossegmental, Wetzels (1992) descreve as vogais do português brasileiro, definindo-as pela Geometria de Traços de Clements e Hume (1995), em termos de graus de abertura: *aberto 1*, *aberto 2* e *aberto 3*.

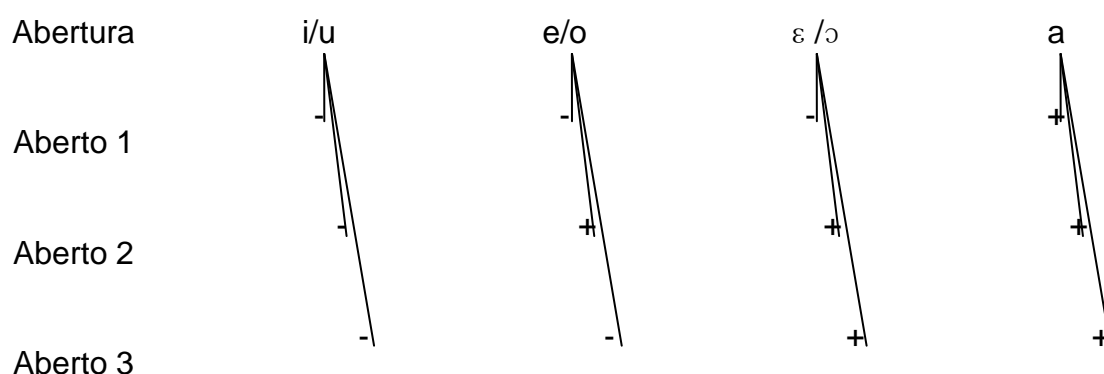


Figura 1 - Sistema Vocálico no Modelo Autossegmental (adaptado de Wetzels, 1992, p.22)

As vogais da Figura 1 manifestam-se plenamente em posição tônica. Em posição átona, as médias perdem o traço que as distingue. O traço aberto 1 e aberto 2 definem as vogais médias, distinguindo-se pelo traço aberto 3 em que o contraste entre as vogais médias baixas e altas é estabelecido.

A neutralização, no modelo de Clements e Hume, é formalizada como uma operação de desassociação do traço que distingue dois fonemas e substituição pelo traço que persiste.

O subsistema das átonas fica reduzido a cinco vogais /i, u, e, o, a/. A regra é formulada da seguinte forma:

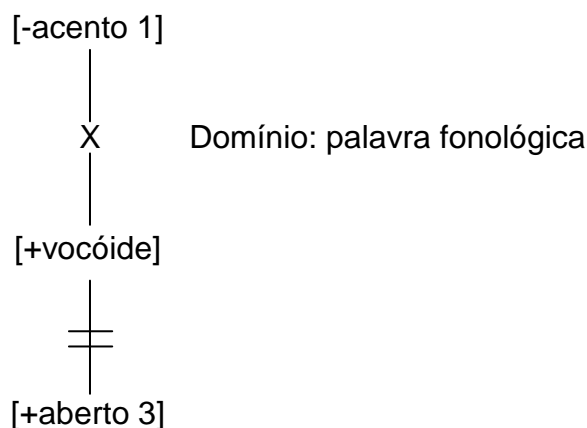


Figura 2 - Neutralização da Vogal Átona (Wetzels, 1992, p.24)

De acordo com a Figura 2, uma vogal média baixa, isto é, [+ab3], que não está na posição do acento principal dentro da palavra fonológica, é desassociada e substituída pelo traço oposto, característico da média alta: [+ab3] > [-ab3], por exemplo, p[ɛ]dra>pedreiro, s[ɔ]l>soláço.

Quanto à neutralização da átona final, Wetzels (1992) apresenta-a na seguinte forma:

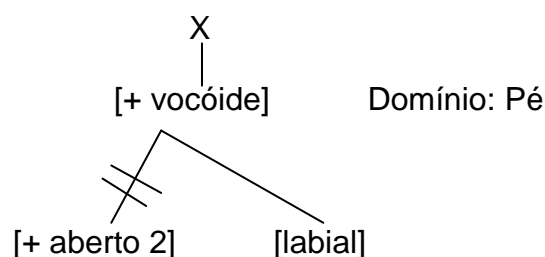


Figura 3 - Neutralização da Vogal Postônica Não-Final (Wetzels, 1992, p.27)

O subsistema da postônica não-final se distingue pela neutralização entre [o] e [u] quando à direita do pé métrico, como em fós[ɸ]u]ro, abób[u]ra, o que se explica pela Figura 3. Reafirmamos que em variedades do sul do país, o subsistema não se reduz a três vogais, pois, de acordo Vieira (2002), tanto /o/ como /e/ estão sujeitas à regra de elevação. A autora ressalta que em palavras como ânc[o]ra, apóc[o]pe, a vogal /o/ tende a ser preservada, enquanto que em ép[u]Ca, víb[u]ra, sofre o alçamento. Vieira (2002) postula como uma regra variável a elevação de /o/ diante de consoantes labiais: [p, b, m, f, v]. Quanto à vogal /e/, a autora acrescenta que não há um contexto específico que promova ou iniba a elevação, podendo ocorrer, como em núm[i]ro~núm[e]ro, ou não, como em vésp[e]ra~*vésp[i]ra.

Na pauta átona final, Wetzels representa a neutralização por desassociação do traço [+ aberto 2] das vogais [e,i] e [o,u] que estão localizadas em sílabas não acentuadas no final de palavra, por exemplo, bol[o] ~ bol[u], com[e] ~ com[i]. No entanto, em palavras com sílaba final fechada por [+soante] a regra não se aplica: carát[e]r, repórt[e]r². A Figura 4 ilustra a regra.

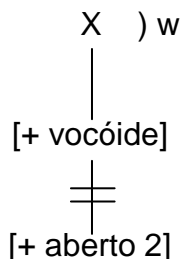


Figura 4 - Neutralização da Vogal Átona Final (Wetzels, 1992, p.27)

Em suma, o português brasileiro conta com um sistema vocálico de sete vogais, descrito na linguística estrutural por Mattoso Câmara (1970), por Lopez (1979) no modelo gerativo, e por Wetzels (1992) na fonologia autosegmental. As vogais manifestam-se de forma plena em posição tônica, e por neutralização ficam reduzidas a cinco vogais átonas com evidência na pré-tônica, a quatro na postônica não-final e a três na postônica final.

Segundo Wetzels (1992), as regras se aplicam primeiramente dentro do pé métrico, no domínio ou na borda da palavra, isto é, demonstra que o domínio prosódico é crucial para a aplicação de regras de neutralização de vogais átonas.

² Ver Vieira, (1994).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SOCIOLINGÜÍSTICA E TEORIA DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

O foco da Sociolinguística é o papel da relação entre sociedade e língua, na regra variável³, seguindo-se a Teoria da Variação, também chamada de Sociolinguística Quantitativa ou Variacionista. A primeira aparição do termo "*Sociolinguistics*" foi em 1952 no artigo *A projection of Sociolinguistics: the relationship of speech to social status*. Até essa época, os estudos estruturalista e gerativista não visavam a análise do componente língua/sociedade. Porém, a Sociolinguística começou a desenvolver-se partir dos anos 60 nos Estados Unidos com Labov (1966, 1969), ao fazer um resgate da importância da relação entre o uso da língua ou eventos de fala e os padrões sociais.

A Teoria da Variação tem três pressuposições: i) a análise deve ser quantitativa, ou seja, deve envolver grande número de dados; ii) os dados coletados ou a serem trabalhados necessitam ser empíricos, ou seja, devem ter sido obtidos diretamente dos informantes; iii) a análise precisa ser multivariada.

O primeiro trabalho variacionista realizado por Labov foi conduzido em 1962, (publicado em obra em 1966) sobre a presença ou ausência do /ɹ/ no final de sílaba no inglês de Nova Iorque como um diferenciador social.

Na década de 30, a ausência do /ɹ/ era padrão, como no inglês britânico, e as escolas de Nova Iorque eram denominadas pela chamada "anglofilia", ou seja, a pronúncia da variável não era considerada um traço de prestígio e, desse modo, a forma correta seria o apagamento. Porém, a partir da década de 50, após a Segunda Guerra Mundial, devido a fatores culturais, sociais e históricos, a utilização da variante começou a crescer. Contrariamente ao padrão britânico, que prestigia o apagamento, o padrão americano naquele tempo dava indícios de valorar positivamente o inverso, a realização de /ɹ/.

O estudo de Labov (1966) foi conduzido na fala de funcionários de lojas distintas e classificadas com diferentes status sociais e status de mercadoria. Além de haver diferença na pronúncia dos funcionários entre as lojas, havia diferenças inclusive na mesma loja entre os funcionários de andares com mercadorias mais ou menos refinadas. Assim, quanto mais casual fosse o contexto, mais a pronúncia se

³ Ver o termo "regra variável" na página 27.

afasta da variante de prestígio, o que evita o chamado *paradoxo do observador*. Ao obter dados de fala, o linguista ou pesquisador deve ter o cuidado de oferecer condições para manifestação da fala mais natural possível, ou seja, situações informais.

A hipótese formulada prevê o seguinte: vendedores da loja de status mais alto vão apresentar os valores mais altos de /ɹ.ɹ/; os da loja de status médio vão apresentar valores intermediários de /ɹ.ɹ/; e os da loja de status mais baixo vão apresentar os valores mais baixos.

Labov conclui que a hipótese inicial foi confirmada por um teste rigoroso dentro de um único grupo ocupacional, e afirma que a estratificação de /ɹ.ɹ/ é parte da estrutura linguística da comunidade de fala de Nova Iorque. Aponta que, outro importante aspecto do estudo é que cumpriu o objetivo de estudar uma língua além da clássica tendência de entrevistas linguísticas formais.

Outro trabalho importante realizado por Labov (1963) foi a pesquisa na ilha de Martha's Vineyard. Diz respeito à centralização da vogal dos ditongos [ay] (*life*) e [aw] (*house*). Por meio da estratificação dos dados em faixa etária, etnia, região, entre outros, o principal objetivo foi depreender os fatores que exerceriam influência direta no processo de centralização dos ditongos. A partir dos resultados, ficou constatado que os maiores graus de centralização se encontravam nas comunidades de pescadores de meia idade, os quais são o grupo mais fechado da ilha, e entre a faixa etária adulta mais ativa no mercado de trabalho. São esses os que mais se opõem às invasões dos veranistas. A pronúncia centralizada pelos habitantes está relacionada ao sentimento de pertencimento à ilha, uma afirmação do status de nativo daquela localidade.

Em 1969, estudo publicado no artigo *Contraction, Deletion, and Inherent Variability of the English Copula*, Labov investigou o aparecimento e o desaparecimento da cópula na fala de negros adolescentes do Harlem, em Nova Iorque. O foco era aspectos da gramática do AAVE -*African American Vernacular English*, ou Inglês Vernacular Afro-Americano, antigamente chamado BEV - *Black English Vernacular*. Os dados foram coletados em *South Central Harlem*, região do bairro de Manhattan, em Nova Iorque. A comunidade é dividida em gangues, ou facções, chamadas *Thunderbirds*, *Oscar Brothers*, *Jets*, *Aces* e *Cobras*.

A variável dependente da pesquisa, a cópula, é tripartida:

<0> apagamento, <1> contração, <2> realização.

A principal hipótese da pesquisa era de que não há cópula no NNE - *Non Standard English*, inglês não-padrão. Ficou constatado o seguinte: há casos em que a cópula não aparece. Porém, há casos de uso categórico em que não é possível apagá-la no AAVE. Nesses, não se faz a contração no SE - *Standard English*, Inglês Padrão.

Diante disso, Labov estabelece uma relação entre o inglês padrão e o inglês dos jovens do Harlem. Onde há contração da cópula no inglês padrão, há apagamento no inglês afro-americano não-padrão.

Passamos à consideração de regra variável, noção introduzida por Labov neste mesmo estudo sobre a cópula.

Labov introduziu o termo regra variável no estudo da contração e apagamento da cópula em 1969 a fim de descrever a variação em situações concretas de fala, condicionada linguística e socialmente.

A análise de regra variável é um tipo de análise multivariada amplamente empregada em estudos de variação linguística hoje em dia. Seu propósito é separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística. Esses fatores condicionantes podem ser tanto sociais (o efeito, por exemplo, da classe social no uso de pronúncias consonantais do /r/ pós-vocálico na cidade de Nova York), ou linguísticas (o efeito, por exemplo, da função sintática de um pronome relativo sobre sua realização como "that", versus "which" ou "who"). (GUY e ZILLES, 2007, p. 33-34)

Na regra variável se relacionam um conjunto de variantes, tais como $x \leftrightarrow \langle y \rangle$, em que x torna-se variavelmente y . Assim, quando a regra é aplicada há o y e quando não é aplicada há o x . A partir do modelo proposto por Labov, foram se desenvolvendo novos modelos matemáticos de regra variável como Cedergren e Sankoff (1974) e Rousseau e Sankoff (1978), o qual já fazia parte do modelo do Pacote VARBRUL, que foi responsável posteriormente por diversos estudos de língua.

Há outros aspectos que podem ser apreciados com a regra variável. Segundo Labov (1994), a variação pode trazer informações sobre mudança linguística. Para isso, é preciso distinguir dois tipos de estudo: o estudo de painel e o estudo de tendência.

No estudo de painel, compara-se a fala dos mesmos indivíduos em dois momentos distintos, um intervalo equivalente a uma geração, aproximadamente

dezoito anos, período considerado suficiente para captar mudanças ou estabilidades linguísticas. Entretanto, uma das limitações desse estudo é que, ao regravar os mesmos informantes entrevistados, o estudo perde a característica de aleatoriedade, ou seja, não representa a comunidade. No estudo do tipo tendência, comparam-se duas amostras aleatórias estratificadas de uma mesma comunidade de fala, que tem por base parâmetros sociais iguais. A amostra mantém a exigência de aleatoriedade e os falantes, então, podem ser considerados como representantes da comunidade.

Em estudos de fala, é importante fazer a distinção entre variação e mudança linguística. Ao analisar e descrever a variação, procura-se verificar quais aspectos influenciam ou motivam regras variáveis, sejam eles sociais, estruturais (da gramática língua), ou geográficos. Ao utilizarmos a Teoria da Variação, objetiva-se investigar os níveis de estabilidade ou instabilidade de uma variável e prever os possíveis efeitos das variáveis linguísticas e sociais.

Tarallo (2007) observa que, devido à falta de registro auditivo para integrar a dimensão histórica em um estudo, a faixa etária se mostra um fator importante, pois ao analisarmos sujeitos de diferentes idades podemos descobrir se uma variável se encontra em progresso ou não, ou seja, se é realmente uma mudança linguística ou apenas uma variável estável. Como os estudos sociolinguísticos no Brasil estão em fase inicial, ainda não há evidências claras de variáveis em mudança linguística.

Para melhor compreender o que Labov chama de mudança linguística, é importante examinar a situação oposta, variáveis linguísticas estáveis, "*long-term stable variation*", (LABOV, 2001 p. 85), a variação estável de longo prazo. De acordo com o autor, a evidência para a estabilidade de variáveis sociolinguísticas é de dois tipos: negativa e positiva. A evidência positiva é a existência de uma determinada variação em um dado período de tempo anterior. A evidência negativa, a não existência de evidência forte de função monótona da idade dos informantes.

Para melhor entender essas questões precisamos recorrer a conceitos matemáticos⁴. Uma função monótona é uma função entre um conjunto ordenado que preserva uma dada ordem. Por exemplo, observa-se na Figura 5:

⁴ WEISSTEN, Eric W. "Monotonic Function." From MathWorld--A Wolfram Web Resource. <http://mathworld.wolfram.com/MonotonicFunction.html>

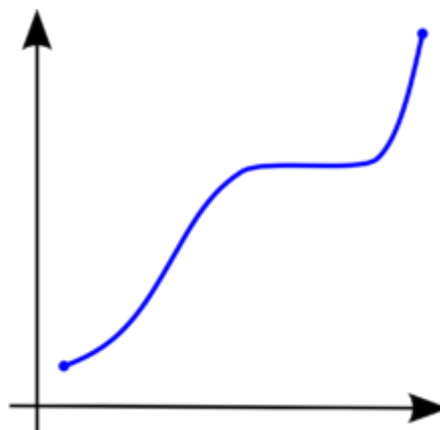


Figura 5 - Função Monótona Crescente.

Conforme a Figura 5, a função monótona é estritamente crescente à esquerda e à direita, e apenas não decrescente no meio. Além disso, também temos a função monótona decrescente, o oposto da Figura 5, mas com os mesmos princípios, isto é, decrescente dos lados esquerdo e direito e não crescente no meio.

Ao pensarmos em uma variável linguística estável, a idade dos informantes em uma curva como essa pode nos informar o estatuto de determinada regra. Para discutir essa abordagem, Labov (2001) fornece como exemplo a variável (ing).

A variável (ing), da língua inglesa, também conhecida por *g-dropping*, como *walkin'* ou *livin'*, envolve a alternância das variantes apical e velar em sílabas átonas. Foi a primeira variável sociolinguística a ser estudada quantitativamente (Labov, 2001), possui o padrão mais uniforme de todas as variáveis do inglês, e tem sido estável por pelo menos 50 anos (Abramowicz, 2007).

Há indícios de "evidência negativa", mencionada anteriormente, pois nenhum dos muitos estudos dessa variável revelou qualquer evidência para mudança em progresso, como mostra a questão da função monótona. Labov (2001) utiliza o exemplo de Trudgill (1974), de (ing), do inglês de Norwich, em uma combinação de estrato estilístico e social. O gráfico do estudo de Trudgill possui o mesmo padrão de variável estável mencionado anteriormente na Figura 5.

Entretanto, há também para a variável (ing) a "evidência positiva", isto é, a possibilidade de que essa variação seja apenas um resíduo histórico de uma variação anterior. Essa é a posição defendida por (LABOV, 2001, p.90, tradução nossa): "Nós temos toda a razão para acreditar, então, que a oposição social nos dias de hoje, da pronúncia formal velar padrão e da pronúncia informal apical não-padrão, tem uma história estável que remonta pelo menos até o início do século XVII."

As únicas exceções a esse fenômeno variável entre as comunidades falantes de língua inglesa hoje em dia são os *Southern States English*, *northern English*, e *Scots*. Esses utilizam a forma /in/ quase exclusivamente na fala, mesmo no estilo mais formal.

Por conseguinte, ao deprendermos uma variável em um estudo Sociolinguístico Variacionista, a questão que deve ser abordada, entre muitas outras de caráter metodológico, diz respeito aos diferenciais de idade, na estratificação da amostra quanto à estabilidade no tempo.

Feita essas reflexões acerca da Teoria da Variação e a diferenciação entre mudança linguística e variação estável, passemos no próximo subcapítulo à proposta de dois autores, com base em reflexões e uma crítica a métodos de estudos sociolinguísticos.

2.2 REFLEXÕES ACERCA DE DADOS SOCIOLINGUÍSTICOS

Bailey e Tillery (2004), ao criticarem métodos analíticos tradicionais em sociolinguística, apresentam pontos necessários a serem considerados em uma pesquisa no sentido de alcançar generalizações e resultados confiáveis. De acordo com os autores, o principal objetivo de um sociolinguista é atingir resultados generalizáveis que representem o comportamento de dada regra em determinada população, os quais implicam dois fatores: confiabilidade e intersubjetividade.

Generalização implica tanto confiabilidade (que os mesmos resultados sejam obtidos em repetidas observações do mesmo fenômeno) quanto intersubjetividade (que dois pesquisadores diferentes observando o mesmo fenômeno obtenham os mesmos resultados). (BAILEY e TILLERY, 2004, p. 11, tradução nossa)

Os autores afirmam que o foco inicial da metodologia em sociolinguística quantitativa decaiu nos últimos vinte anos, e argumentam que os dados divergentes nos estudos sociolinguísticos remontam a metodologias distintas, ou seja, resultados divergentes em trabalhos sobre o mesmo fenômeno podem repercutir diferenças no que diz respeito aos dados, à constituição da amostra, entre outros. Usando uma variedade de estudos bem documentados, Bailey e Tillery (2004) fornecem diversos exemplos específicos de questões metodológicas, focando a discussão em possíveis efeitos de interferência do entrevistador em pesquisa sociolinguística.

Os autores observam que há poucas pesquisas sobre os efeitos das características do entrevistador ou de diferentes entrevistadores. Mencionam a pesquisa de Rickford e McNair-Knox (1994), que se referem a um informante afro-americano entrevistado por dois pesquisadores: um afro-americano e outro de etnia branca, ambos do gênero feminino. Os resultados sugerem que a etnia do entrevistador tem um grande efeito nos dados. Após o levantamento de traços comuns do Inglês Vernacular Afro-Americano (AAVE), ficou constatado que a ocorrência desses traços era muito maior quando o entrevistador era da mesma etnia do entrevistado. Embora o estudo demonstre grande contribuição com relação aos diferentes tipos de variáveis que podem ser consideradas, outros possíveis efeitos, como o tempo de experiência do pesquisador em campo poderiam ser verificados.

Outro caso mencionado por Bailey e Tillery (2004) é o efeito *Rutledge*. Ao reexaminar os resultados de Montgomery⁵ do Atlas Linguístico dos Estados do Golfo (LAGS), os autores afirmam ter uma explicação diferente daquela fornecida pelo autor. Montgomery justifica a maior ocorrência da expressão em inglês “*might could*” para entrevistadoras mulheres como sendo uma forma de polidez dos informantes. Porém, Bailey e Tillery, ao separar as entrevistas conduzidas por uma única pesquisadora, Barbara Rutledge, encontraram um diferencial praticamente não significativo das ocorrências entre os gêneros dos entrevistadores. Em suma, o método utilizado pela mais prolífica pesquisadora do Atlas Linguístico representa mais de um terço das ocorrências do fenômeno em análise. O maior diferencial entre Rutledge e os outros pesquisadores de campo foi a estratégia de entrevista utilizada pela pesquisadora, que diferia em parte dos outros entrevistadores.

A maior parte de dados sociolinguísticos, em pesquisas atuais, são apresentados de forma agregada, correlacionados a diversos fatores. A apresentação dos dados no Atlas Linguístico dos Estados do Golfo permite aos pesquisadores conectar cada ocorrência a uma determinada entrevista, a um pesquisador e um transcritor específicos e a um modo específico de elicitación.

⁵ Montgomery, Michael B. Multiple modals in LAGS and LAMSAS. In: From the Gulf States and Beyond: The legacy of Lee Pederson and LAGS, ed. Michael B. Montgomery and Thomas E. Nunnally, 90-122. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1998.

Bailey e Tillery (2004) apelam por uma abordagem mais rigorosa, focada na coleta e análise de dados, a fim de realizar uma pesquisa significativa que seja confiável e generalizável.

Assinalam que, em pesquisas sociolinguísticas, algumas vezes, os resultados obtidos advêm como uma consequência da metodologia utilizada, que se reflete na fala do informante. O fato de que diferentes métodos levam a diferentes resultados não é algo negativo, pois dessa forma são feitas novas pesquisas e conseqüentemente, outras descobertas. A questão está na distribuição correta das variáveis empregadas e seus possíveis efeitos positivos e negativos no estudo em questão.

Feitas essas reflexões, com base em Bailey e Tillery (2004), passemos ao capítulo sobre os modelos fonológicos.

2.3 MODELOS FONOLÓGICOS

2.3.1 FONOLOGIA GERATIVA CLÁSSICA

Diversas teorias fonológicas surgiram no último século com o objetivo de descrever e analisar as línguas no nível abstrato da fonologia e tentar conciliar as diferentes realizações com os elementos da fonética. A partir da segunda metade do século XX, com os trabalhos de Chomsky (1965,1968), define-se a noção de Gramática Universal (GU), base da Teoria Gerativista clássica que considera a língua como uma capacidade inata do ser humano. É uma teoria baseada em um modelo de falante-ouvinte ideal, que lida com o binarismo competência/desempenho. A competência é o conhecimento inconsciente que o falante possui da língua, e o desempenho é o uso dessa capacidade em situações concretas que depende de diversos aspectos psicológicos, entre eles memória e emoção. “Nós, portanto, fazemos uma distinção fundamental entre competência (conhecimento do falante-ouvinte de sua língua) e desempenho (o uso real da língua em situações concretas)” (CHOMSKY, 1965, p.14, tradução nossa). Essas suposições são baseadas no conhecimento intuitivo que o ser humano tem da língua, isto é, as pessoas são capazes de entender elementos sintáticos nunca antes percebidos ou formar elementos novos; crianças adquirem a língua e criam frases relacionando os elementos adequadamente, sem treinamento específico. Outra nova proposta do modelo gerativo é que a unidade mínima passa a ser os traços distintivos, diferentemente do estruturalismo, em que era o segmento.

Os traços distintivos são elementos mínimos, binários, que podem ser representados por matrizes. Cada coluna designa um fonema específico e cada linha um traço:

<i>/t/</i>	<i>/d/</i>
- soante -contínuo +coronal +anterior -met.ret. -sonoro	- soante -contínuo +coronal +anterior -met.ret. +sonoro

Figura 6 - Traços Distintivos de Chomsky e Halle

Os traços são todos binários, sendo representados por (+) para indicar a presença do elemento, ou (-) para indicar ausência. Assim, do ponto de vista fonológico, os segmentos da Figura 6, por exemplo, diferem-se nos traços [-sonoro], [+sonoro]. Esses segmentos /t/ e /d/ podem estar dispostos sequencialmente no fluxo de fala.

O modelo gerativista caracteriza-se por fazer a diferença entre estrutura subjacente e estrutura de superfície e explica os fenômenos fonológicos por meio de regras que se referem a traços.

A vasta contribuição dos fonólogos gerativistas se destinava à descrição de regras fonológicas, pelo sistema de traços binários. Lopez (1979) descreve a regra de harmonia vocálica, foco deste estudo, como puramente fonológica, a qual envolve alternância de altura das vogais (elevação).

$$\text{Raising: } V_{[-lo]} \longrightarrow [+hi] / ___ C_1 V \begin{pmatrix} +hi \\ +str \end{pmatrix}$$

Figura 7 - Harmonia Vocálica por meio de Matrizes de Traços, (Lopez, 1979, p. 133-134)

Essa regra tem a seguinte leitura: uma vogal que seja [-baixa], /e/ ou /o/, torna-se vogal [+alta], /i/ ou /u/, diante de uma sílaba cujo núcleo contenha uma vogal [+alta, + acentuada], como em *vestido~vistido*, *coruja~curuja*.

2.3.2 FONOLOGIA NÃO-LINEAR E GEOMETRIA DE TRAÇOS

Devido a limitações dos modelos-lineares anteriores, diante da necessidade da representação de suprasegmentos, acento, tom, entre outros, começa com Goldsmith (1979) o modelo *não-linear*, que conta com a contribuição de diversos fonólogos, tanto os que se dedicam à construção ou aprimoramento da teoria quanto os que se dedicam à descrição fonológica das línguas.

Os traços distintivos passam a ser definidos em suas propriedades acústicas e articulatórias, com relação ao trato vocal. Surge então a *fonologia autossegmental*, que propõe uma organização hierárquica dos traços com base em características fonéticas e atribui aos traços o comportamento de autossegmento, os quais constituem diferentes níveis, que devem ser associados uns aos outros. Segundo Goldsmith (1979, p.16, tradução nossa): “A fonologia autossegmental é uma tentativa de fornecer uma compreensão mais adequada do lado fonético da representação linguística.” A proposta de Goldsmith em sua tese de 1976, intitulada *Autosegmental Phonology* é uma das primeiras na vasta produção que segue a linha da fonologia não-linear nas últimas décadas do século XX.

Com o objetivo de representar a hierarquia entre os traços fonológicos por meio de camadas, surge a Geometria de Traços com Clements (1985) e Clements e Hume (1995). Os traços possuem propriedades autossegmentais como tom, acento e entonação, por exemplo, e podem ser representados de forma autônoma, em uma camada separada. Os elementos estão relacionados uns aos outros por linhas de associação, estabelecendo-se assim um padrão de alinhamento. Segundo Clements e Hume (1995), nesta abordagem os segmentos são representados em termos de nós hierarquicamente organizados, em nós terminais e nós intermediários, que representam os valores de traços e constituintes, respectivamente.

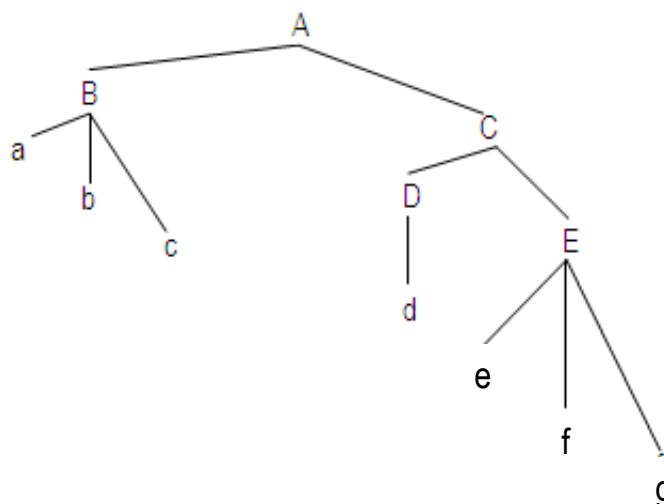


Figura 8 - Representação da Geometria de Traços (CLEMENTS E HUME, 1995, p. 249)

Conforme se observa na Figura 8, todas as ramificações provêm do nó de raiz **A**, correspondente ao ponto inicial do som da fala. Os nós de classe **B,C,D,E** representam grupos de traços funcionais, o que inclui o nó laríngeo e o nó supralaríngeo, esse ramificado em nó de ponto, e as letras **a, b, c, d, e, f, g** representam traços individuais (CLEMENTS E HUME, 1995). Assim, considerando as representações fonológicas, podem-se definir os segmentos em sua complexidade.

Há diferentes representações para cada um dos seguintes segmentos: a) segmentos simples (vogais ou consoantes), b) segmentos complexos (vogais longas ou consoantes geminadas), c) segmentos de contorno (segmentos que contêm sequências de diferentes traços, como as africadas). Por conseguinte, o esquema estrutural de vogais corresponde à arborização em (a).

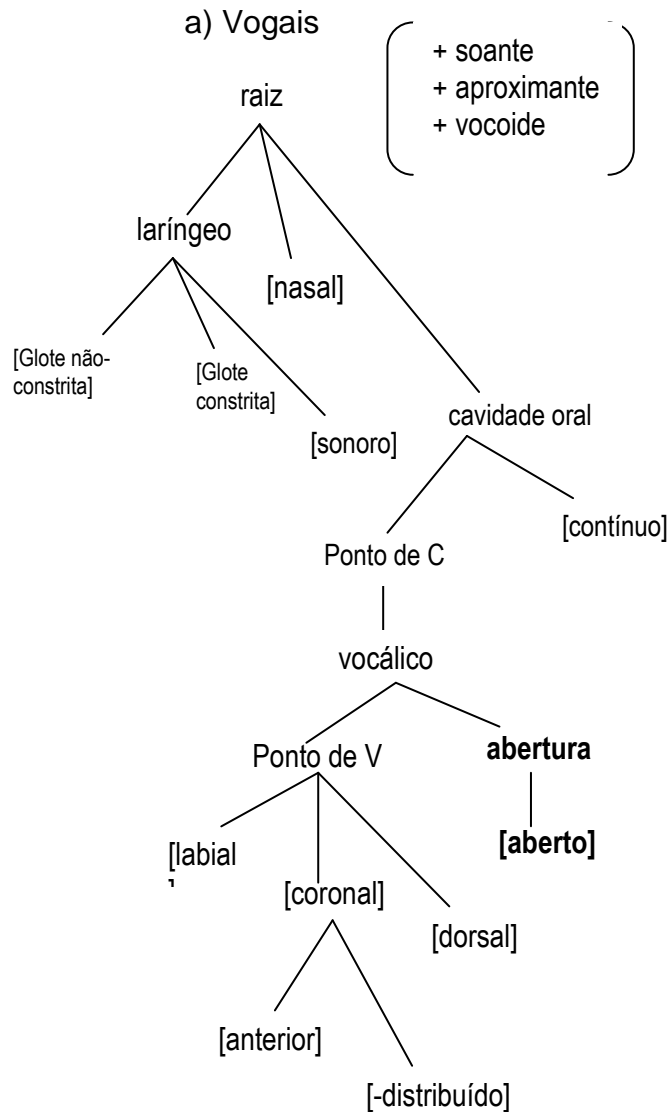


Figura 9 - Geometria de Traços das Vogais (CLEMENTS e HUME, 1995, p. 292).

Qualquer segmento vocálico representado como na Figura 9 estará plenamente especificado. Atenta-se para o fato de que, na representação mostrada, há um nó vocálico, onde os traços vocálicos são especificados em diferentes graus de abertura.

A harmonia vocálica, que é uma assimilação regressiva no português brasileiro, pode ser explicitada adequadamente sinalizando o papel do traço no processo em termos de graus abertura, em concordância com a proposta de Clements e Hume (1995). Trata-se, pois, do espriamento do traço [-aberto2] dos condicionadores /i,u/ para as vogais alvo /e,o/ da sílaba precedente, como na Figura 10:

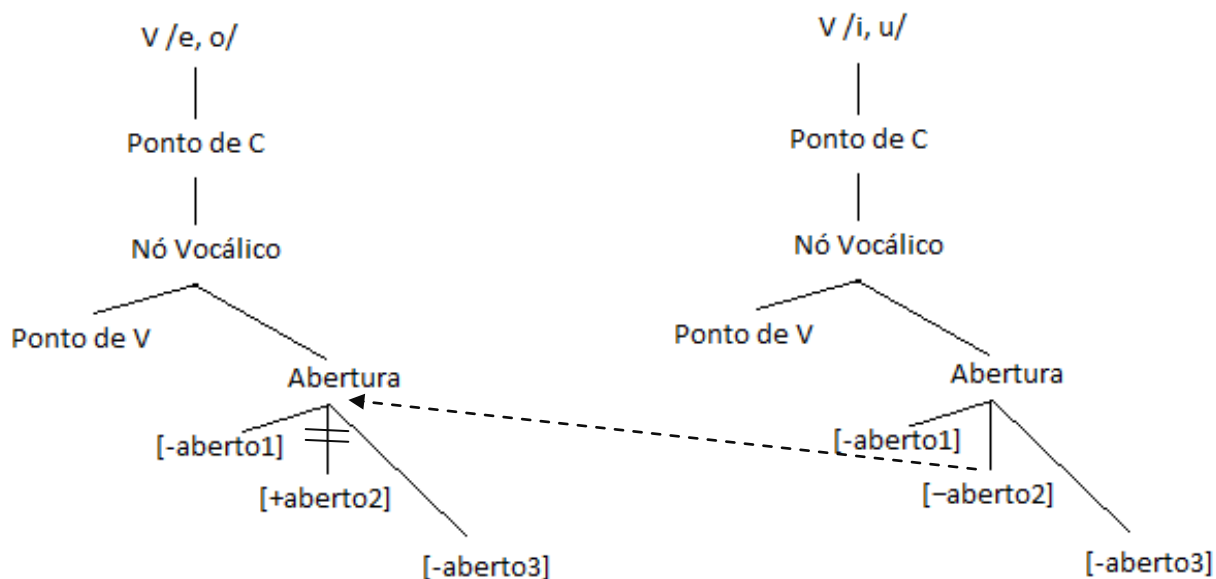


Figura 10 - Representação da Harmonia Vocálica pela Geometria de Traços (CASAGRANDE, 2004, p.126).

Observa-se na Figura 10 acima o espraiamento do traço aberto. Ocorre o desligamento do traço [+aberto2], que abre espaço para o traço [-aberto2] que se expande.

A teoria não-linear, ao contemplar a parte interna do segmento oferece recursos para a adequada explicação do fenômeno em questão, como a assimilação exemplificada e outras, por exemplo, a nasalização e a neutralização.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Van der Hulst e Van der Weijer (1995) definem a harmonia vocálica como um fenômeno que envolve a relação entre dois segmentos. Apresentam em seu artigo ampla discussão sobre essa regra em diversas línguas e nos diferentes sistemas vocálicos. Fornecem dados e exemplos de Tangale, uma língua falada na Nigéria, e da língua Finlandesa. Além disso, apresentam também importantes questões a serem consideradas no estudo da HV, como a natureza dos traços que participam, os segmentos envolvidos, entre outros.

A abordagem geométrica é utilizada pelos autores com base em Clements e Hume (1995), mostrando que os traços não se associam diretamente ao esqueleto, mas aos nós de classe aos quais os traços estão associados. Esses nós de classe são associados ao nó de raiz, que por sua vez é associado ao esqueleto.

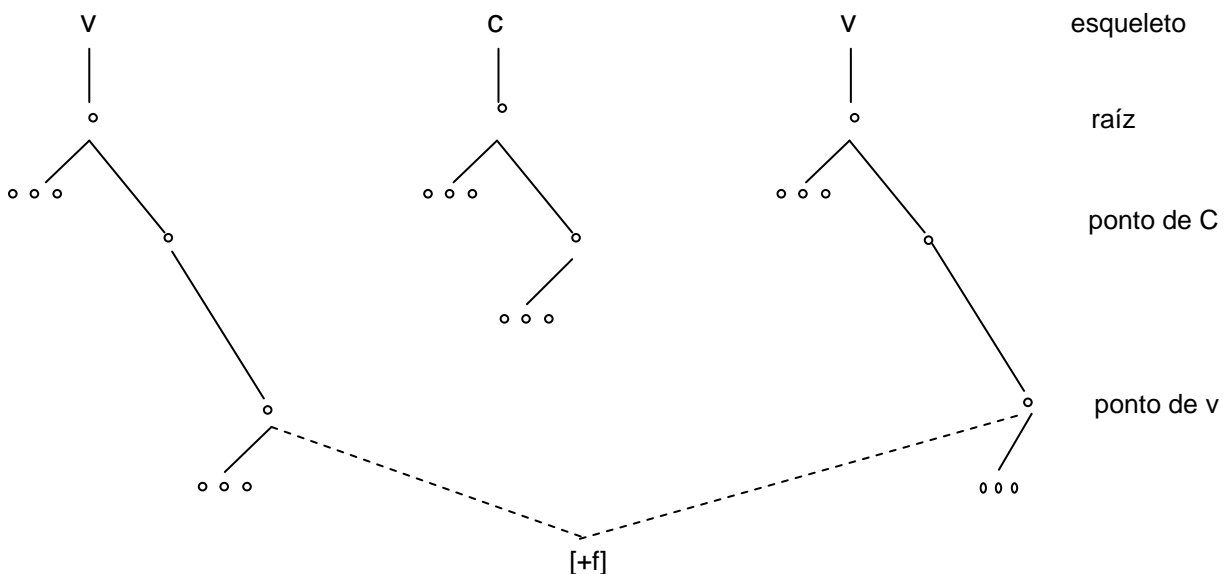


Figura 11 - Representação Geométrica da Harmonia Vocálica (VAN DER HULST e VAN DER WEIJER, 1995, p. 508)

Conforme ilustrado na Figura 11, se as consoantes intervenientes não tiverem um nó de modo-V (vocálico), há o compartilhamento de traços entre as vogais porque seus nós de classe são adjacentes.

Também definem os tipos de processos de harmonia:

- a) Harmonia [ATR]: Em sistema de harmonia ATR os segmentos que formam pares harmônicos diferem na dimensão articulatória de posicionamento da raiz da língua. Vogais ATR são produzidas com *advanced tongue root*.

Sistemas desse tipo são encontrados nas famílias de línguas Niger-Kordofanas e Nilo-Saarianas no continente africano.

- b) Harmonia [RTR]: Em sistema de harmonia RTR os segmentos que formam pares harmônicos também diferem na dimensão articulatória de posicionamento da raiz da língua. Vogais RTR são produzidas com *retracted tongue root*. Encontra-se como exemplo a harmonia em Yoruba (Archangeli e Pulleyblank, 1989).
- c) Harmonia [alta]: São sistemas de harmonia descritos que diferem na dimensão de um domínio em particular, especificamente envolvendo o espraçamento do traço [alto].
- d) Harmonia [baixa]: São sistemas de harmonia descritos que diferem na dimensão de um domínio em particular, especificamente envolvendo o espraçamento do traço [baixo].

A harmonia vocálica neste estudo, de acordo com a classificação de Van der Hulst e Van de Weijer (1995), é do tipo c), envolvendo o espraçamento do traço [alto].

3.1 ESTUDOS ACERCA DA HARMONIA NO BRASIL

Na dissertação de mestrado de Viegas (1987), a harmonia é estudada no dialeto mineiro de Belo Horizonte. Os dados foram submetidos à análise quantitativa conforme a Teoria da Variação, de Labov (1972). Foram consideradas sílabas pretônicas seguidas de vogal alta em sílaba seguinte, como m[e]nino~m[i]nino e também foram considerados contextos de elevação sem a presença de vogal alta, como c[e]roula~c[i]roula. A autora encontrou diferentes resultados envolvendo os contextos para as vogais /e/ e /o/. Uma vogal alta na sílaba seguinte favorece a elevação de /e/, enquanto o favorecimento de /o/ se dá por meio de consoantes adjacentes. Diferentemente do que foi adotado nos dialetos gaúcho e carioca, a elevação das vogais pretônicas foi analisada pela ótica do conflito entre os modelos neogramático e de difusão lexical.

Barbosa da Silva (1989), em sua tese de doutorado, descreve a variação das vogais também em pauta pretônica, diante de sílaba com vogal alta, como v[e]stido~v[i]stido, e sem vogal alta como b[u]neca~b[o]neca, no dialeto de Salvador. A amostra foi constituída por 24 informantes pertencentes ao Projeto NURC/SSA

(Norma Urbana Culta - Salvador), divididos uniformemente por gênero em três faixas etárias específicas, todas acima de 25 anos.

A autora propõe três regras para o estudo de variação das vogais médias: 1) regra categórica de timbre: em que as vogais médias se realizam como médias altas quando seguidas de uma média alta na sílaba subsequente, como em c[e]rveja; 2) regra variável de elevação: é a realização das médias pretônicas como altas em determinados contextos, preferencialmente quando seguidas por uma vogal alta na sílaba subsequente ou por determinadas consoantes adjacentes; 3) regra variável de timbre: exclusiva do dialeto baiano, em que há a troca do sinal [+baixo] antes de vogais altas e de outras vogais, como n[ɛ]blina.

Callou, Leite e Coutinho (1991) estudaram a ação da harmonia vocálica nas vogais médias pretônicas na amostra do Projeto NURC/RJ (Norma Urbana Culta - Rio de Janeiro). A amostra constituiu-se de 18 informantes, divididos uniformemente em três faixas etárias, porém todas acima de 25 anos. A pesquisa foi realizada à luz da Teoria da Variação. Os condicionadores de ordem linguística foram: a) qualidade da vogal; b) distância da sílaba tônica; c) tipo do segmentoônico; d) tipo de pretônica subsequente; e) tipo de atonicidade; f) tipo de segmento seguinte e estrutura silábica; g) tipo de segmento precedente e estrutura silábica; h) estrutura da palavra; i) tipo de vogal tônica na palavra base. Os condicionadores de ordem extralinguísticos foram gênero, faixa etária e zona de residência.

Os dados foram submetidos à análise por meio do pacote de programas VARBRUL. Também foi realizada a análise do abaixamento vocálico, que, no contexto pretônico, não apresentou frequência significativa. Foram excluídos do estudo contextos que apresentam elevação quase categórica, como sílabas iniciais "es" e "en" como em [e]special e [e]ntão e vogais em hiato como d[o]jente.

No que diz respeito às variáveis linguísticas, como favorecedora do processo de harmonia vocálica está a presença de uma vogal alta em sílaba subsequente homorgânica somente para a vogal /e/. Mostrou-se relevante a variável modo e ponto de articulação da consoante precedente para /o/. As variáveis sociais não se mostraram relevantes, entretanto, observam as autoras que os indivíduos mais velhos e os do sexo masculino têm aplicação um pouco mais frequente da regra.

Battisti (1993) investigou as alternâncias e~i e o~u em sílaba inicial, na fala gaúcha, em sua dissertação de mestrado. Utilizou o método de análise quantitativa

dos dados. Analisou o fenômeno em diferentes comunidades do Estado: metropolitanos, fronteiriços, italianos e alemães.

Ficou constatado que a fala gaúcha tem a tendência de preservar as médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo, exceto diante de /N/ e /S/. Os seguintes pontos foram acentuados na conclusão: a) a elevação da vogal /e/ é favorecida quando há uma dorsal ou palatal no contexto fonológico precedente, ou na ausência desse contexto; b) a palatal eleva a vogal média /e/, mas a labial não, em contexto fonológico seguinte; c) a nasal e a sibilante favorecem a elevação de /e/. A autora ressalta que os altos índices frente a essa última elevação permitem concluir que se trata quase de uma regra categórica, a ponto de perder o caráter variável futuramente; d) sibilante ou nasal na coda da sílaba deixam a vogal /e/ mais suscetível ao levantamento; e) a elevação da vogal média /e/ é favorecida quando há uma vogal alta na próxima sílaba. A autora conclui que a regra de harmonia vocálica aplicada às médias de sílaba inicial segue os mesmos princípios da pauta pretônica interna ao vocábulo.

3.2 A HARMONIA VOCÁLICA NO DIALETO GAÚCHO

A harmonia vocálica foi tema de diversos autores, mas de interesse para este estudo são: Bisol (1981), Schwindt (1995), Casagrande (2003) e Silva (2012), os quais realizaram estudos específicos do dialeto gaúcho sobre o fenômeno.

Harmonia Vocálica: uma regra variável, tese de doutorado de Bisol (1981), é um estudo quantitativo da harmonia vocálica, na linha da Teoria Variacionista de Labov (1965). A amostra compreende dados coletados em quatro comunidades distintas: cidade de Taquara, região de colonização alemã, Santana do Livramento, região de fronteira, cidade de Veranópolis, região de colonização italiana e parte metropolitana de Porto Alegre, região de colonização açoriana. Todas as amostras são de fala popular, mas o estudo conta também com uma amostra de informantes com curso universitário. Os dados foram submetidos ao programa computacional VARBRUL de operações de probabilidade, de acordo com o modelo de Cedergren & Sankoff (1974).

Os resultados levaram a autora à conclusão de que a regra tem uso moderado no dialeto em questão, e que o fator mais relevante para o alçamento da vogal pretônica é a presença de uma vogal alta na sílaba subsequente às vogais médias /e/ e /o/, como em *v/i/stido* e *c/u/ruja*, constituindo-se um processo

assimilatório. Quanto aos fatores linguísticos, a nasalidade mostrou-se favorável à elevação de /e/. Quanto à distância da tônica, posições 1,2, e 3 mostraram valores aproximados. No que diz respeito à sufixação, a análise mostrou que a vogal alta na base de palavra é mais favorecedora do que a vogal alta em sufixo – o que explica a não ocorrência em diminutivos. Os valores baixos do sufixo de palavra como do tipo "-íssimo" e "-zinho" apontam para inibição. Quanto ao contexto fonológico precedente mostraram-se favorecedores para elevação de /e/ as consoantes: velar, palatal, labial (apenas para metropolitanos de falar popular), alveolar (apenas para metropolitanos de fala popular). Para elevação de /o/, os números significativos figuram para as consoantes: labiais e velares. Quanto ao contexto fonológico seguinte para elevação de /e/ foram favorecedores: velar, palatal (números altos com diminuição nos grupos de fronteiricos e metropolitanos de fala culta). E para elevação de /o/ as consoantes que figuram com números mais altos foram: labial, palatal e velar (apenas no grupo dos alemães).

Entre os fatores extralinguísticos, a etnia mostrou-se um fator relevante, pois a regra é mais utilizada por metropolitanos e menos utilizada pelos fronteiricos. O sexo dos informantes não demonstrou relevância. A autora afirma cautelosamente que os jovens tendem a usar menos a regra do que os mais velhos. Como a regra ocorreu tanto na fala popular quanto na fala culta, não é estigmatizada.

Bisol também realizou uma análise acústica por meio de espectrograma de faixa larga de frequência no Laboratório de Fonética da Universidade de Edinburgh, como um recurso para melhor verificar a qualidade das vogais. Foi selecionada dos dados da pesquisa apenas uma pequena amostra para análise acústica, 4 gravações de cada região em que se buscaram dez palavras que possuíssem /e/ e /o/ na posição pretônica. Também foram analisados os efeitos de vogais sintéticas. O instrumento usado foi do Departamento de Fonética da Universidade de Edinburgh "*Copy of the Parameter Artificial Talking Device (PAT)*", uma máquina que produz ressonâncias elétricas similares ao trato vocal. Foi desenvolvida pelo "*Ministry of Signals Research and Development Establishment*". Como resultado, em suma, pode-se dizer que os falantes da região italiana possuem o sistema das vogais mais periférico, e os fronteiricos mais centralizado, enquanto os metropolitanos e alemães apresentam certo equilíbrio. Os quatro mapas acústicos dão suporte à afirmação do trabalho de que as amostras são significativas por apresentar características linguísticas diferentes uma das outras.

Em suma, a regra de harmonia vocálica foi considerada como uma regra variável que faz parte do sistema, em virtude de ser possível captar a sua organização interna. É um processo de assimilação que se estende de uma vogal alta para a vogal média precedente, mas pode estender-se a mais de uma vogal. Por ser de aplicação variável, é favorecida por certos fatores, comentados em páginas precedentes.

A Harmonia Vocálica em Dialectos do Sul do País: uma Análise Variacionista, dissertação de mestrado de Schwindt (1995), é um estudo baseado no modelo de análise de Labov (1965) e Cedergren & Sankoff (1974) com dados das capitais do sul do país: Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, que integram o Projeto Variação Linguística Urbana do Sul do País – VARSUL. A amostra compreende 12 informantes de cada capital, um total de 36 informantes. Os dados foram submetidos para análise computacional do Pacote VARBRUL.

Os resultados da amostra levaram à conclusão de que a regra de harmonia vocálica tem uso moderado. O principal condicionador da elevação da pretônica é a presença de uma vogal alta em sílaba subsequente contígua. No contexto das vogais orais, a regra mostra-se mais operante, principalmente para /o/. A elevação da pretônica não encontra obstáculos nas vogais átonas permanentes e nos casos de átonas sem status definido. No caso das últimas, a elevação deve-se, sobretudo, à abundância de vogais altas nos paradigmas dos verbos de terceira conjugação e irregulares de segunda conjugação. No contexto fonológico precedente, são motivadores para /e/ a pausa (vogal inicial precedida por pausa), e, para /o/ as consoantes palatal e velar. No contexto fonológico seguinte são motivadores para /e/ as consoantes velar e alveolar (não-líquida), e para /o/, a consoante alveolar. Em oposição às terminações nominais, as terminações verbais exercem influência significativa na elevação da vogal /o/.

No que diz respeito à escolaridade dos informantes, quanto mais anos de estudo menos ocorre a elevação da pretônica, o que aponta para um controle exercido pela escrita na ação da regra.

Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real é o estudo da dissertação de mestrado apresentada por Casagrande (2004).

A amostra é constituída de 24 informantes, doze para o estudo de painel (seis recontatados do Projeto NURC) e doze para o estudo de tendências (Banco de

dados do Projeto VARSUL – Variação Linguística no Sul do País). Com base em Labov (1965, 1972, 1994), apresenta-se uma análise da regra em tempo real em Porto Alegre, que contrapõe dados de fala de duas épocas distintas: final da década de 70 e final da década de 90. Todos os informantes possuem escolaridade de nível superior. No total, a pesquisa contou com 5.538 dados, sendo 2.933 para vogal /e/ e 2.605 para vogal /o/. Os dados foram classificados de acordo com as variáveis linguísticas e sociais, codificados e submetidos a uma análise computacional nos programas do Pacote VARBRUL.

Para a amostra de 90, as variáveis selecionadas pelo programa como relevantes são as seguintes: 1) Contiguidade e Tonicidade, 2) Contexto Fonológico Seguinte, 3) Atonicidade do Alvo, 4) Nasalidade do Alvo, 5) Relações Paradigmáticas, e 6) Faixa Etária. Devido aos resultados se assemelharem em grande parte aos resultados da análise da amostra de 70, Casagrande apresenta somente os que se diferenciaram.

Para a vogal /e/, quanto à contiguidade e tonicidade, a tônica alta imediata é o condicionador mais forte, seguindo-se a pretônica e a tônica altas. No que diz respeito ao contexto fonológico seguinte, as consoantes velares tendem em ambas as amostras a favorecer o processo. As consoantes palatais apresentam comportamento neutro e as consoantes alveolares e labiais mostraram-se inibidoras do processo. Na variável tipo de sufixo, entre os fatores analisados, a presença de afixo verbal favorece o alçamento da vogal média. Os resultados apresentados para a variável atonicidade do alvo mostraram que há maior probabilidade de aplicação da regra em palavras cuja vogal média é sempre átona, isto é, nunca recebe o acento principal. Quanto à nasalidade do alvo, o contexto fonológico simultâneo mais favorecedor é o nasal. Por fim, no que diz respeito às relações paradigmáticas, os resultados indicam que há maior probabilidade de aplicação da regra em vocábulos cuja base também é variável do que em derivados de base não variável.

Para a vogal /o/, as variáveis selecionadas pelo programa pela ordem de relevância foram 1) tonicidade; 2) contexto precedente; 3) nasalidade; 4) contexto seguinte; 5) atonicidade da vogal alvo; 6) sufixo com vogal alta; 7) relações paradigmáticas; 8) gênero. Quanto ao contexto precedente, as consoantes velares e labiais exercem influência relevante. A vogal /e/ nasalizada mostrou-se mais sensível à elevação do que a vogal /o/. Quanto ao contexto fonológico seguinte, a consoante palatal apresenta os valores mais altos como favorecedora da regra, e as

consoantes alveolares mantêm os índices mais baixos. Quanto à *atonicidade do alvo*, observa-se como fator mais relevante a *átone permanente*. Com relação à variável do Sufixo, os fatores que mais favorecem a regra são presença de *afixo verbal* e ausência de *sufixo derivacional*. Por fim, para a variável 'relações paradigmáticas', da mesma forma que para a vogal /e/, vocábulos com base variável tendem a favorecer a aplicação da regra em seus derivados.

O Estudo de Painel, levou a autora a concluir que os falantes relativamente mais velhos (40 e 70 anos) usam mais a regra, tanto para a vogal /e/ quanto para a vogal /o/. Os falantes da faixa intermediária (30 e 60 anos) tendem a diminuir o uso da regra à medida que avançam na faixa etária, tanto para /e/ quanto para /o/.

Os resultados da análise, com vista aos resultados dos estudos de tendência e painel, levaram à conclusão de que os falantes parecem alterar a frequência de uso da regra de harmonia vocálica, na direção de decréscimo. Há diminuição da aplicação da regra na amostra de final de 90, em comparação com os resultados apresentados na amostra de final de 70. A análise em tempo real também mostra que há no final da década de 90 um declínio no uso da regra.

Explicitados os estudos acerca do dialeto gaúcho, partimos para a metodologia utilizada nesta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentaremos a constituição da amostra, comunidade de fala, método de análise dos dados e definição das variáveis dependente e independentes com vista ao fenômeno de harmonia vocálica.

4.1 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

4.1.1 Amostra desta Pesquisa

A amostra *Jovens Escolarizados* foi coletada em 2004 na cidade de Porto Alegre, RS, e é parte do banco de dados do projeto VARSUL. Consiste em 19 entrevistas de 30 minutos. Os informantes são divididos em:

- 10 homens (entre 16 e 23 anos)
- 9 mulheres (entre 17 e 21 anos)

Todos são alunos ou egressos do ensino médio de escolas públicas e particulares.

4.1.2 Localidade de Fala: Aspectos Históricos e Geográficos

A cidade de Porto Alegre localiza-se em uma região do estado chamada Depressão Central, e é banhada pelo lago Guaíba. Apesar de ser uma região baixa, o município possui morros com até 300 metros de altura. A oeste da capital localiza-se o município de Guaíba, ao norte, Viamão e Cachoeirinha. A leste, Alvorada, e do lado Sul, novamente, Guaíba e Viamão.

Há mais de 500 anos a região onde hoje é Porto Alegre era habitada principalmente pelo grupo tribal guarani, quando ainda era formada por campos e florestas. Os guaranis viviam em grandes aldeias com suas famílias e sustentavam-se basicamente da pesca e caça, no caso dos homens, e de artesanato no das mulheres. A técnica do escambo era muito comum.

Com a chegada do homem branco, os indígenas afastaram-se para o interior do estado, espalhando-se em diferentes regiões. Muitos morreram ao adquirir doenças novas trazidas pela invasão da colonização, e outros tentaram resistir aos invasores. Porto Alegre, hoje, já não tem mais tribos indígenas. Os primeiros europeus a aportar no Brasil eram vindos da Península Ibérica, portugueses e espanhóis. Após a assinatura do Tratado de Tordesilhas, em 1494, essas duas

nações dividiram todas as terras americanas. Pelo Tratado, o dono das terras onde Porto Alegre se situa hoje era o rei espanhol. Os primeiros a colonizar o oeste do Rio Grande do Sul foram, de fato, os espanhóis, por meio das Reduções Jesuíticas, a partir de 1626. O interesse dos portugueses se deu mais tarde, por volta de 1725, pelo leste, na zona litorânea de Porto Alegre.

As Reduções Jesuíticas, também conhecidas como Missões, eram as aldeias em que os índios guaranis aprendiam o catolicismo e a língua espanhola. As autoridades espanholas e os padres comandavam toda a comunidade. Foram fundadas no Rio Grande do Sul, entre 1626 e 1634, dezoito Reduções. (SCHENKEL, 1999). A cidade de Porto Alegre teve seu surgimento em razão da movimentação na região por tropeiros para o transporte de gado de estâncias, entre as Missões e as outras cidades do Brasil. A região foi primeiramente chamada de Porto de Viamão quando os primeiros tropeiros se estabeleceram, em 1732, entre eles, Jeronimo de Ornellas. Quando o rei de Portugal deu permissão ao tropeiro para ocupar a região, ela passou a chamar-se Porto D'Ornelas (Porto do Dorneles), (SCHENKEL, 1999).

Em 1750, após a assinatura do Tratado de Madrid, Porto do Dorneles passou a pertencer oficialmente ao rei de Portugal. A partir disso, as terras começaram a ser colonizadas por famílias das ilhas do Açores, conhecidos até hoje como os “casais açorianos”.

Em 1752 chegaram sessenta casais dos Açores, que se localizaram às margens do rio Guaíba, no Porto do Dorneles, buscando a proximidade da água. Esse local fica hoje a Rua da Praia. [...] Em 1760, o Porto do Dorneles passou a ser denominado de Porto de São Francisco dos Casais. (SCHENKEL, 1999, p. 26)

Até o final do século XVIII, a região ainda estava ligada à administração de Viamão. Em 26 de março de 1772, ocorreu a separação definitiva entre as duas localidades (data considerada de fundação do município de Porto Alegre). Após um ano, tornou-se a sede administrativa chamada Capitania do Rio Grande de São Pedro. Esse nome deve-se a uma divisão administrativa do Brasil Colonial na época monárquica.

Em 1810, o local recebeu o título de Vila (por ser um grande povoado) passando a chamar-se Vila de Porto Alegre. A Capitania possuía quatro vilas importantes: Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antonio da Patrulha.

(SCHENKEL, 1999). Após a independência do Brasil de Portugal, em 1822, Porto Alegre recebeu o título de Cidade, devido ao seu progresso.

Logo após o período de independência, chegaram os imigrantes. Os primeiros foram os alemães, estabelecidos na região onde hoje se situa Novo Hamburgo e São Leopoldo. Por volta de 1875, chegaram os imigrantes italianos, estabelecendo-se na serra gaúcha.

No final do século XIX, ocorreram os principais desenvolvimentos e a modernização da capital gaúcha. Realizou-se a numeração das casas e o melhoramento da iluminação pública. Surgiram os prédios públicos, como o da justiça, o Mercado Público, a Biblioteca Pública, o Teatro São Pedro, os primeiros bondes sobre os trilhos, a Praça da Matriz, da Alfândega e o Parque Farroupilha. Foram criadas estradas de ferro e começou a funcionar o Gasômetro, que fornecia gás para a iluminação pública.

Porto Alegre adquiriu somente um caráter mais administrativo de comércio e indústrias a partir da década de 40 do século XX. Atualmente, é um grande centro econômico e turístico. Segundo os últimos dados do IBGE⁶ - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - conta com uma área total de 496,682 km², com a densidade demográfica 2.837,52 hab./km². De acordo com o último censo realizado em 2010, tem uma população de 1.409.351 habitantes, sendo 755.564 mulheres e 653.787 homens.

4.1.3 Projeto VARSUL

O projeto VARSUL⁷ - Variação Linguística no Sul do País - reúne amostras significativas dos três estados da região sul do país, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O principal objetivo desde que se iniciou o projeto, em 1988, foi a instalação de um banco de dados linguísticos que oferecesse a possibilidade de estudo e análise para descrição das variedades do português da Região Sul. Atualmente, está sediado em quatro universidades: Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

⁶ <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em 02/06/2013.

⁷ <http://www.varsul.org.br/>. Acesso em 19/11/2013.

4.2 DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS

Nesta seção, será apresentado o grupo de variáveis predeterminadas para a elaboração desta pesquisa. De acordo com os objetivos do trabalho, buscamos algumas variáveis já propostas em estudos antecedentes.

Primeiramente, palavras que possuíam mais de uma vogal média /e,o/ tiveram as vogais analisadas individualmente para cada uma das pretônicas existentes, como em *consegui*, *conhecido*.

Outro caso a ser considerado é que foram excluídos alguns vocábulos em determinados ambientes, por favorecerem a regra de forma quase categórica ou por exercerem forte inibição da regra:

- a) /eN/, /eS/, e /deS/ (prefixo) (como em embutir, estudar, desligar);
- b) vogais em ditongo (como reunir, proibir);
- c) vocábulos compostos (porco-espinho, verde-escuro)

Passemos agora à delimitação operacional das variáveis.

4.2.1 Variável Dependente

É a realização das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ como vogais altas /i/ e /u/ seguidas de vogal alta.

4.2.2 Variáveis Independentes Linguísticas

São considerados variáveis independentes os grupos de fatores que podem exercer um papel na elevação de /e/ e /o/.

4.2.2.1 Homorganicidade

A homorganicidade diz respeito à semelhança quanto ao ponto de articulação entre a vogal média alvo e a vogal alta gatilho, isto é, vogais homorgânicas possuem o mesmo traço, [-post] ou [+post], como /e,i/ e /o,u/ e vogais heterorgânicas diferem quanto a esse traço, como /e, u/ e /o, i/. Pretende-se com esta variável medir se a vogal gatilho /i/ exerce maior poder de influência sobre /e/, por serem ambas [-post], e o mesmo acerca de /u/ sobre a vogal /o/, por serem ambas [+post]. Bisol (1981) constatou maior poder assimilatório da vogal

[i] sobre ambas as pretônicas, justificando em termos de a vogal [i] ser relativamente [+alta] do que [u], em conformidade com o diagrama de Daniel Jones (1957). Dessa forma, essa variável foi classificada da seguinte forma:

- a) Homorgânicas (**vestido**, **pepino**)
- b) Heterorgânicas (**segunda**, **comigo**)

4.2.2.2 Contiguidade

Sabe-se, por meio de estudos antecedentes, que a vogal alta em sílaba contígua pode ser um motivador da harmonia vocálica, enquanto a alta não-contígua, isto é, em sílaba distante da vogal alvo, não teria esse papel. Assim, a variável foi dividida nos seguintes fatores:

- a) Alta na tônica contígua (**Pe-ri-go**)
- b) Alta na pretônica contígua (**pro-cis-são**)
- c) Altas em sequência (**me-di-ci-na**)
- d) Alta não-contígua (**co-men-ta-ris-ta**)

4.2.2.3 Nasalidade da vogal

De acordo com Bisol (1981) e Schwindt (2002) a vogal alvo foi assim classificada:

- a) Oral (**se-guir**, **cor-rida**)
- b) Nasalizada (nasal fonológica): (**sen-tir**, **com-putador**)
- c) Nasal na sílaba seguinte (nasal fonética): (**se-nil**, **do-mingo**)

4.2.2.4 Atonicidade da vogal

Esta variável visa estabelecer a diferença entre vogais que são sempre átonas no processo de derivação e aquelas que perdem essa característica, como a vogal átona derivada de tônica. Separamos da átona de verbos, sem um status definido, de acordo com Bisol (1981).

- a) Átona permanente – vogal que mantém o status de átona (**bonita**)
- b) Átona casual – vogal que adquire o traço de átona dentro do processo de derivação (**medicina** - **médico**)
- c) Átona sem status definido – vogal que ora se realiza como média, ora como baixa, ora como alta (**ferir** – **feres** – **firo**)

4.2.2.5 Classe Gramatical

Com a intenção de verificar se a classe gramatical exerce alguma influência no processo de elevação da vogal pretônica, classificamos essa variável em dois fatores:

- a) Substantivo/Adjetivo (**pepino, bonito**)
- b) Verbo (**ferir, decidir, politizar**)

4.2.2.6 Tipo de Sílabas

A fim de verificar se sílabas terminadas em coda podem ter uma taxa de aplicação diferente de sílabas sem coda, considerou-se a diferença entre os dois tipos de sílabas seguintes, divididos em três fatores:

- a) Sem coda (**bo-ni-to**)
- b) Com coda (**ves-ti-do**)
- c) Com coda complexa (**cons-tru-ção**)

4.2.2.7 Contexto fonológico precedente

Como demonstrado em muitas pesquisas, a consoante imediatamente precedente às vogais médias pode exercer algum papel no processo de elevação. Especificam-se os seguintes fatores para essa verificação:

- a) Consoante labial [p, b, f, v, m] – **perigo, botina, ferir, vestido, mentira**
- b) Consoante alveolar [t, d, n, r, l] – **tecido, decidi, novidade, atrevido, atletismo**
- c) Consoante alveolar sibilante [s, z] – **cemitério, zodíaco**
- d) Consoante palatal e pós-alveolar [ʃ, ʒ, ʝ] – **chovia, ojeriza, dicitia**
- e) Consoante velar [k, g, x] – **comida, querida, gotícula, relíquia, reluzente**

4.2.2.8 Contexto fonológico seguinte

Da mesma forma que o contexto precedente, esperam-se resultados referentes ao contexto seguinte.

- a) Consoante labial [p, b, f, v, m] – **trepidar, obrigado, ofuscar, evidente, emigrar**
- b) Consoante alveolar [t, d, n, r, l] – **netuno, educado, bonito, meritíssimo, reluzir**
- c) Consoante alveolar sibilante [s, z] – **precisar, mezinha**
- d) Consoante palatal e pós-alveolar [ʃ, ʒ, ʝ, ɲ, ɺ, ʎ, ʝ] – **olhudo, conheci, mexia, nojinho, metido, pedido**

e) Consoante velar [k, g, x] – oculista, foguista, terrível

4.2.3 Variáveis Independentes Extralinguísticas

Por se tratar de uma regra variável, esperam-se influências de fatores socioculturais.

4.2.3.1 Gênero

As mulheres mostram-se mais sensíveis do que os homens às formas de prestígio, e tendem a utilizar formas menos estigmatizadas na fala monitorada (Labov, 2008[1972]), o que leva à suposição de que são mais inovadoras na utilização de regra não-categórica. Esse comportamento diferente diz respeito não somente às diferenças de ritmo e tom de voz, mas também ao papel cumprido na sociedade por homens e por mulheres, as quais têm ganhado maior destaque na vida pública nas últimas décadas, desempenhando papel socioeconômico mais ativo. Tendo em vista esses aspectos, esta variável foi dividida nos seguintes gêneros:

- a) Masculino
- b) Feminino

4.2.3.2 Faixa Etária

Por meio da faixa etária, ao analisarmos sujeitos de diferentes idades, pode-se obter informações sobre o estado da regra, no sentido de encontrar-se em progresso ou não, ou seja, ser reflexo realmente de uma mudança linguística ou uma variável estável.

Observando-se a classificação etária de órgãos de referência mundial, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), por *jovens* entendem-se os indivíduos entre 15 e 24 anos, por *adolescentes* dos 10 aos 19 anos, por *adultos jovens* dos 20 aos 24 anos. Para a Organização das Nações Unidas (ONU), entretanto, a faixa *adolescente* compreende indivíduos entre os 13 e 19 anos; e a faixa *adulto jovem* vai dos 20 aos 24 anos. Essa variável foi classificada a partir das seguintes características:

- a) Adolescentes: 16 a 19 anos

- b) Adultos jovens: 20 a 24 anos

4.2.3.3 Escolaridade

A escolaridade faz parte da maioria dos estudos de variação. Supõe-se que quanto mais alto o grau de estudo do informante, maior controle a escrita pode exercer na fala, isto é, o indivíduo tende a seguir a norma considerada como culta. A amostra dessa pesquisa dispõe de estudantes em fase de finalização do Ensino Médio.

- a) Ensino Médio
- b) Ensino Médio e Curso Pré-Vestibular

4.3 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS

O estudo conta com um total de 2497 dados levantados de 19 entrevistas, sendo 1449 para a vogal /e/ e 1048 para a vogal /o/. Após a escuta das entrevistas e levantamento dos dados, foi realizada a codificação. Nos itens seguintes, descrevemos detalhes das etapas.

4.3.1 Programa Estatístico

Os dados de cada entrevista foram ouvidos e classificados de acordo com as variáveis linguísticas e sociais explicitadas. Cada variável representa um código para o auxílio na classificação.

Dessa forma, a codificação da palavra [bunitu], por exemplo, ocorreu da seguinte maneira:

➤ **amamsespasbno17t** - **[bunitu]**

Figura 12 - Codificação dos Dados

O primeiro "a" informa qual é o informante; o primeiro "m" informa o gênero masculino; o segundo "a" a faixa etária adolescente (10 a 19 anos); o segundo "m" a escolaridade (Ensino Médio); o primeiro "s" a aplicação da regra de elevação; "e" a heterorganicidade; o segundo "s" um segmento nasal na sílaba seguinte à vogal

média; o "p" é vogal átona permanente; o último "a" representa a classe gramatical adjetivo, o "s" a posição da vogal em uma sílaba sem coda, a letra "b" a consoante precedente [b], "n" representa o contexto seguinte [n]; "o" indica que a vogal média desta palavra trata-se da média posterior /o/; "17" é a idade do informante, e por fim, "t" indica a contiguidade. Diferentemente dos programas computacionais utilizados anteriormente, neste modelo é possível repetir letras e símbolos sem prejuízo para a análise.

O instrumento estatístico utilizado, Rbrul (JOHNSON, 2013), tem por fim o estudo dos dados para a análise das regras variáveis e analisa o efeito dos múltiplos fatores que podem interferir na variável dependente. Johnson afirma que o programa é inspirado nas versões anteriores de programas de Sankoff, o VARBRUL, e também no Goldvarb. Tanto o Goldvarb como o Rbrul funcionam com regressões múltiplas como *one-level*, *step-up* e *step-down*, com dados binários.

A análise *step-up* é uma análise progressiva, a qual vai de forma crescente combinando as variáveis independentes durante a rodada. A análise *step-down* é uma análise regressiva, entre outras palavras, e é uma confirmação do *step-up*. Ela analisa combinações de forma decrescente, ou seja, tirando as variáveis e verificando quais devem permanecer em termos de significância. No final, deve haver uma correspondência entre *step-up* e *step-down*, com a expressão "*Step-up and step-down match!*". Quando não há essa correspondência, deve-se procurar os possíveis erros na rodada. O programa estatístico também permite cruzamentos (*crosstabs*).

Entre os avanços importantes do programa Rbrul, destacam-se: a leitura de diferentes formatos de arquivos, assim como a inexistência de limites de número de grupos de fatores ou fatores por grupo. Além disso, é possível trabalhar com variáveis contínuas, como idade ou formantes de vogais.

Preparando-se os dados para o referido programa, cria-se um arquivo de ocorrências dos dados em questão para as vogais médias pretônicas. O programa Rbrul interpreta diferentes formatos como *Word*, *Excel* e *Bloco de Notas*. Após a digitação dos códigos para cada fator, mostrados anteriormente, o *software* lê o arquivo separando cada coluna como uma variável (neste estudo, optou-se pelo formato *.csv* de *Excel*). O programa fornece a opção de ajuste de dados - *adjust data* e recodificação - *recode*, por meio do qual é possível fazer amálgamas de fatores das variáveis se forem numerosos. Após os ajustes definitivos, realiza-se a análise

step-up/step-down na qual o programa seleciona as variáveis relevantes para a pesquisa em termos de: a) *log-odds*. b) peso relativo, c) proporção, d) *deviance*, e) *grand mean*.

- **Log-odds**

São os coeficientes do modelo de regressão, que podem ser positivos ou negativos. Quanto mais alto for o valor, maior o efeito do fator.

- **Peso Relativo**

Os pesos relativos são os valores de *log-odds* convertidos para uma escala de 0,00 a 1,00, facilitando assim a leitura. O ponto neutro é 0,5. Quando um fator é maior que 0,5 favorece a regra, e menor de 0,5 desfavorece.

- **Proporção**

A proporção é a taxa de aplicação de cada fator da variável (%).

- **Deviance** (Desvio Padrão)

É uma medida de adequação do modelo aos dados. Em outros termos, informa sobre quanto os dados reais desviam das previsões do modelo. Quanto maior esse valor, pior é a adequação.

- **Grand Mean** (Média Geral)

Esta é a proporção entre o valor de aplicação da resposta e o total dos dados, ou seja, a frequência global da variável dependente.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentaremos os resultados da análise quantitativa para o fenômeno de harmonia vocálica, obtidos por meio do programa estatístico, na comunidade de fala de jovens de Porto Alegre.

5.1 RESULTADOS DE FREQUÊNCIA GLOBAL PARA AS VOGAIS

Foram levantadas 1.048 ocorrências para a vogal /o/ pretônica, com um total de 188 aplicações da regra, isto é, 18% foram produzidas como [u]. Para a vogal /e/, foram levantadas 1.449 ocorrências, com um total de 321 aplicações da regra, isto é, 22% foram produzidas como [i]. Por meio da análise do Rbrul, obteve-se a proporção global de aplicação da regra, representada no Gráfico 1.

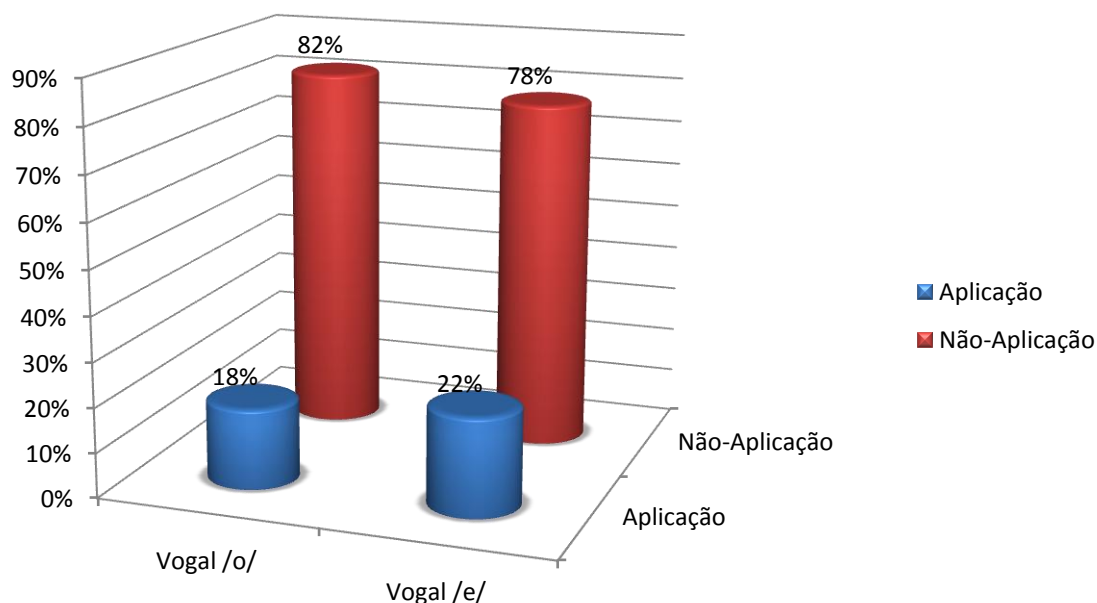


Gráfico 1 - Resultados de Frequência Global

Os percentuais da variável dependente revelam que as vogais médias /e/ e /o/ são preferidas pelos informantes em relação a sua emissão com elevação, [i] e [u]. É possível fazer uma descrição minuciosa da realização das vogais médias com base nestes resultados.

A não-aplicação da regra de harmonia vocálica apresenta um total de 82% ou 860 ocorrências para /o/, e um total de 78% ou 1.130 ocorrências para /e/.

Passemos a considerar as variáveis que foram selecionadas pelo programa no Quadro 9. Os resultados foram obtidos das seguintes rodadas:

Vogal /o/	Vogal /e/
Rodada 1	
Contiguidade	Contexto precedente
Contexto precedente	Contiguidade
Nasalidade	Nasalidade
Escolaridade	Homorganicidade
Homorganicidade	Escolaridade
Rodada 2	
Contexto seguinte	Contexto Seguinte
Tipo de sílaba	Classe Gramatical
Atonicidade da vogal	Atonicidade da Vogal
Gênero	Tipo de sílaba
	Gênero

Quadro 9 - Variáveis Selecionadas Pelo Programa por Ordem de Relevância

Observa-se que as mesmas variáveis foram escolhidas pelo programa tanto para a vogal /o/ quanto para a vogal /e/, com exceção da variável classe gramatical, escolhida apenas para /e/.

O quadro a seguir mostra a aplicação da regra para cada informante da amostra.⁸

HOMENS		MULHERES	
Informante	Proporção	Informante	Proporção
D	34%	P	34%
F	30%	O	30%
J	26%	L	21%
H	21%	N	19%
B	19%	R	16%
I	16%	M	14%
A	14%	Q	13%
G	14%	S	12%
E	12%	K	12%
C	12%		

Quadro 10 - Proporção de Aplicação da HV por Informante

Do exposto no Quadro 10, fica em destaque a escassa presença de HV nesta amostra.

⁸ Proporções obtidas por meio da análise *one-level* do Rbrul.

5.2 DISCUSSÃO

Neste subcapítulo discutiremos os dados expostos nas tabelas referentes às variáveis selecionadas pelo programa estatístico.

FATOR	Vogal /o/				Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Heterorgânicas comida; segunda	164/847	19,4 %	0,58	0,355	89/257	34,6%	0,56	0,241
Homorgânicas solução; vestido	24/201	12 %	0,41	-0,355	232/1192	19,5%	0,44	-0,241
TOTAL:	188/1048				321/1449			

Desvio: 581,64 $p < 0,05$ Média: 0,179 Desvio: 1008,971 $p < 0,05$ Média: 0,222

Tabela 1- Homorganicidade

A Tabela 1 indica que a heterorganicidade favorece tanto a vogal [+post], quanto a vogal [-post]. Esse fator mostra-se pouco acima do ponto neutro para ambas as vogais, apresentando peso relativo de 0,58 para /o/ e 0,56 para /e/, em oposição às homorgânicas, como 0,41 e 0,44, respectivamente.

Os resultados não estão de acordo com as expectativas, mas há aspectos em comum. Em Bisol (1981) a homorganicidade é mais favorecedora para ambas as vogais, mas para /o/ têm-se um valor próximo do fator heterorgânico. Para Schwindt (2002), essa variável foi selecionada apenas para /e/, e o fator homorgânico apresenta maior favorecimento, com peso relativo de 0,54.

Entretanto, Schwindt (1995) constatou maior favorecimento do fator heterorgânico para /o/, como nesta análise, e seus resultados de /e/ também mostram-se relativamente próximos, isto é, os fatores de homorganicidade e não-homorganicidade apresentam o mesmo percentual.

Dos nossos resultados, estima-se o seguinte: há nos dados 257 vocábulos heterorgânicos com as vogais /e, u/, e desses, 89 vezes aparecem as palavras *segundo/segunda*, o que equivale a 35%, isto é, mais de um terço. Esse vocábulo tem aplicação quase categórica, pois apenas 11 vezes não ocorreu sua aplicação. A frequência lexical, neste caso específico, justifica os resultados encontrados.

Bisol (1981), ao explicar o poder assimilatório da vogal /i/ sobre ambas as vogais pretônicas, baseia-se no diagrama de Daniel Jones (1957), com uma reflexão fonética quanto à posição que as vogais ocupam na cavidade bucal. Assim, “a mais alta posição da língua é a que corresponde a vogal /i/, enquanto /u/ se põe em

diagonal com /e/, dele não se distanciando tanto em altura quanto /i/ se distancia de /e/." (BISOL, 1981, p. 114). Por conseguinte, a vogal alta posterior é menos alta que a anterior, o que justifica os resultados.

Passemos à discussão do contexto precedente à vogal alvo, exposto na Tabela 2.

FATOR	Vogal /o/				FATOR	Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD		APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Labial bonita	100/260	38,5%	0,98	4.311	Sibilante serviço	168/270	62,2%	0,98	3,967
Velar comida	68/470	14,5%	0,97	3.738	Velar queridinho	66/177	37,3%	0,97	3,625
Palatal e Pós-Alveolar joguinho	1/8	12,5%	0,92	2.436	Palatal e Pós-Alveolar jejum	18/87	20,7%	0,91	2,331
Alveolar Procuco	18/169	10,7%	0,87	1.958	Labial bebida	41/385	10,6%	0,84	1,688
Sibilante Solução	1/34	2,9%	0,78	1.263	Alveolar preciso	28/460	6,1%	0,73	1,015
Sem contexto hospital	0/107	0%	<0,001	-13.706	Sem contexto edifício	0/70	0%	<0,001	-12,624
TOTAL:	188/1048					321/1449			

Desvio: 581,64 p<0,05 Média: 0,179 Desvio: 1008,971 p<0,05 Média: 0,222

Tabela 2 - Contexto precedente

Observa-se os valores referentes à consoante precedente à vogal alvo. Para a vogal /o/, têm-se a seguinte ordem: consoantes labiais, velares, palatais e pós-alveolares, alveolares, sibilantes, e por fim, sem contexto ou pausa, como *hospital*, *horrível*. Para a vogal /e/ a ordem é a seguinte: consoantes sibilantes, velares, palatais e pós-alveolares, labiais, alveolares. O fator sem contexto se mostra desfavorecedor. Observa-se na tabela que as consoantes com articulação alta, velares, palatais e pós-alveolares, favorecem a regra de harmonia vocálica, um contexto esperado em uma regra com motivações de natureza fonética.

Em conformidade com a análise de Casagrande (2004), temos a mesma ordem de fatores selecionados como favorecedores para a vogal /o/, isto é, labial, velar, palatal e alveolar, porém, com pesos relativamente mais altos. Nessa análise o contexto precedente não foi escolhido para a vogal /e/.

O fator mais favorecedor para a vogal /o/ é a consoante labial, com peso relativo de 0,98, em palavras como *bonita~bunita*, *motivo~mutivo*. Conforme Bisol (1981), esse favorecimento se explica pela similaridade fonética existente entre a vogal e a consoante, pois ambas compartilham o traço de labialidade [+arredondado].

Quanto à vogal /e/, nesta pesquisa, mostram-se mais favorecedoras as consoantes sibilantes /s,z/, em palavras como *segurança~sigurança*; *segunda~sigunda*, assim como em Schwindt (2002), em que as consoantes sibilantes também foram subdivididas separadamente das alveolares.

Embora não tenha sido possível fazer uma tentativa de generalização (item 5.4) da variável contexto precedente com estudos anteriores, muitos aspectos são coincidentes.

A próxima variável a ser discutida faz referência à nasalidade da vogal alvo, exposta na Tabela 3.

FATOR	Vogal /o/				FATOR	Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD		APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Nasal Fonética monitor	72/176	40,9%	0,86	1,873	Nasal Fonética menina	20/75	26,7%	0,66	0,679
Vogal Oral polícia	111/613	18,1%	0,59	0,381	Vogal Oral serviço	269/1272	21,1%	0,41	-0,329
Nasal Fonológica computador	5/259	1,9%	0,09	-2,254	Nasal Fonológica sentido	32/102	31,4%	0,41	-0,350
TOTAL:	188/1048					321/1449			
Desvio: 581,64 p<0,05 Média: 0,179					Desvio: 1008,971 p<0,05 Média: 0,222				

Tabela 3 - Nasalidade

Para fins de investigação essa variável foi dividida em dois fatores: nasalidade fonética e nasalidade fonológica, ao lado da vogal oral.

A Tabela 3 mostra a nasalidade fonológica como não-favorecedora para ambas as vogais, com peso relativo de 0,09 para /o/, em palavras como *computador~cumputador*, *continuar~cuntinuar*, e peso de 0,41 para /e/, como em *vendido~vindido*, *sentido~sintido*. Nota-se que a nasalidade se mostra desfavorecedora da regra para a vogal posterior /o/. O fator correspondente à vogal oral apresenta índice relativamente alto para /o/, de 0,59, e desfavorecedor para /e/, 0,41.

Bisol (1981), Schwindt (2002) e Casagrande (2004) constataram também não-favorecimento da nasalidade sobre a vogal /o/. Porém, mostram alguma influência dessa variável sobre a vogal /e/, o que não constatamos em nossos dados.

No que concerne à contiguidade, temos quatro fatores expostos na Tabela 4.

FATOR	Vogal /o/				FATOR	Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD		APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Sequência corrigirem	34/124	27,4%	0,8	1,384	Alta na Tônica Contígua vestido	289/774	37,3%	0,82	1,549
Alta na Tônica Contígua corrida	131/387	34%	0,79	1,376	Sequência decidido	13/217	6%	0,47	-0,119
Alta na Pretônica Contígua computador	20/294	7%	0,56	0,253	Alta na Pretônica Contígua perguntar	13/285	4,6%	0,33	-0,710
Alta na Tônica Não Contígua formatura	3/243	1,2%	0,04	-3,013	Alta na Tônica Não Contígua literatura	6/173	3,5%	0,32	-0,720
TOTAL:	188/1048					321/1449			

Desvio: 581,64 $p < 0,05$ Média: 0,179

Desvio: 1008,971 $p < 0,05$ Média: 0,222

Tabela 4 - Contiguidade

Os estudos de Bisol (1981), Schwindt (2002) e Casagrande (2004), mostram que a contiguidade tem papel relevante, o que se confirma neste estudo. Podemos afirmar que o fator mais importante é uma vogal alta tônica contígua. Encontramos o mesmo resultado para a vogal /e/: o fator de alta na tônica contígua se mostra favorecedor, com peso de 0,82. Entretanto, para /o/, o fator vogais altas em sequência se destaca, seguido do fator vogal alta tônica contígua, com apenas um décimo de diferença entre os pesos relativos (0,8 e 0,79).

No subcapítulo **5.3** a seguir, apresentaremos essa variável amalgamada, apenas com 2 fatores, contíguo e não-contíguo, para fins de comparação e melhor visualizações dos resultados.

Quanto ao papel das consoante seguintes, os resultados estão expostos na Tabela 5.

FATOR	Vogal /o/				FATOR	Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD		APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Sibilante posição	58/228	25,4%	0,99	4,621	Velar segurança	142/208	68,3%	0,92	2,503
Alveolar boliche	80/272	29,4%	0,98	4,151	Palatal e Pós-Alveolar jejum	44/232	19%	0,53	0,129
Labial obrigatória	38/290	13,1%	0,95	3,103	Alveolar religiosa	85/511	16,6%	0,44	-0,207
Palatal e Pós-Alveolar conheci	12/160	7,5%	0,89	2,131	Sibilante vestido	43/351	12,3%	0,37	-0,512
Velar corrida	0/98	0%	<0,001	-14,006	Labial repetir	7/147	4,8%	0,12	-1,914
TOTAL:	188/1048					321/1449			

Desvio: 785,232 p<0,05 Média: 0,179 Desvio: 1032,146 p<0,05 Média: 0,222

Tabela 5 - Contexto Seguinte

Para a vogal /o/, têm-se a seguinte ordem: consoantes sibilantes, alveolares, labiais, palatais e pós-alveolares, velares; e para a vogal /e/, consoantes velares, palatais e pós-alveolares, alveolares, sibilantes, labiais.

Podemos dizer que a elevação de /o/ tem como fatores mais favorecedores as consoantes sibilantes, alveolares e labiais, e altamente não-favorecedores, as velares. As sibilantes estão em conformidade com Schwindt (2002), se apresentam favorecedoras, com valores relativamente acima do ponto neutro.

Quanto à elevação de /e/, o favorecimento é apenas para as consoantes velares, com peso de 0,92, e as palatais e pós-alveolares, logo acima do ponto neutro. A força da consoante velar para elevação de /e/ está em conformidade com Bisol (1981) e Schwindt (1995, 2002) e Casagrande (2004).

Assim como a variável contexto precedente, posto que não tenha sido possível fazer uma tentativa de generalização (item 5.4) da variável contexto seguinte com pesquisas anteriores, características dos resultados são coincidentes.

A variável exposta na Tabela 6 diz respeito ao tipo de sílaba em que se encontra a vogal média alvo. Foi separada em dois fatores: sílaba sem coda e sílaba com coda.

FATOR	Vogal /o/				Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Sílaba Sem Coda bonita; legume	148/641	23,1%	0,70	0,883	282/1053	26,8%	0,60	0,415
Sílaba Com Coda condição; vestido	40/407	9,8%	0,29	-0,883	39/396	9,8%	0,39	-0,415
TOTAL:	188/1048				321/1449			

Desvio: 785,232 $p < 0,05$ Média: 0,179 Desvio: 1032,146 $p < 0,05$ Média: 0,222

Tabela 6 - Tipo de Sílaba

Os resultados expostos na Tabela 6 estão de acordo com o esperado. Para ambas as vogais, as sílabas sem coda mostram-se favorecedoras a regra de alçamento, com pesos de 0,70 e 0,60 para /o/ e /e/, respectivamente. Quanto ao fator de sílaba com coda, nesta análise, apresenta-se com valores baixos, pesos relativos são de 0,29 para /o/ e 0,39 para /e/.

Optamos por incluir os dados de coda complexa juntamente ao fator de sílaba com coda, pois aqueles poucos encontrados se mostraram escassos e obtiveram não-aplicação categórica da regra.

Com relação à atonicidade da vogal alvo, os resultados estão apresentados na Tabela 7.

FATOR	Vogal /o/				Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Átona sem status definido poder, podes, podia;	22/56	39,3%	0,84	1,662	147/298	49,3%	0,81	1,449
Átona permanente procurar, segundo	164/921	17,8%	0,57	0,313	170/985	17,3%	0,53	0,150
Átona Casual médico, medicina	2/71	2,8%	0,12	-1,975	4/166	2,4%	0,16	-1,599
TOTAL:	188/1048				321/1449			

Desvio: 785,232 $p < 0,05$ Média: 0,179 Desvio: 1032,146 $p < 0,05$ Média: 0,222

Tabela 7 - Atonicidade da Vogal

Os dados mostram que há maior probabilidade de a regra se aplicar em palavras cuja vogal média é atona sem status definido, a átona de verbos. Na conjugação verbal, esses alternam ora com as vogais médias fechadas /e,o/, ora com as médias abertas, [ɛ, ɔ], ora como altas [i,u], como em *poder, pode, podia; ferir, fere, firo*. (Atenta-se para o fato de que apenas as palavras com vogal alta entraram em nossa amostra, *podia e ferir*, por exemplo.)

Em Bisol (1981) e Casagrande (2004), o fator mais favorecedor à regra é a átona permanente, porém ambas autoras apontam para um ambiente expressivamente motivador a átona sem status definido, o que justamente se manifesta neste estudo, com pesos relativos de 0,84 para /o/ e 0,81 para /e/. A vogal átona permanente segue como favorecedora, porém apresentando índices um pouco mais baixos do que o primeiro fator, pouco acima do ponto neutro.

Quanto à variável Classe Gramatical, temos o seguinte resultado:

FATOR	Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Verbos podia, queria	191/563	34%	0,63	0,554
Nomes bonito, decidido	130/886	14,7%	0,36	-0,554
TOTAL:	321/1449			

Desvio: 1032,146 $p < 0,05$ Média: 0,222

Tabela 8 - Classe Gramatical

Esta variável constituída de dois fatores foi escolhida como relevante pelo programa estatístico apenas para a vogal média /e/, e revelou que os verbos oferecem melhor contexto para aplicação da regra, com peso relativo de 0,63. Os nomes não apresentam índice favorecedor, apenas 0,36.

Passemos para as variáveis não-linguísticas, selecionadas como relevantes pelo programa estatístico.

A Tabela 9 mostra a variável Gênero.

FATOR	Vogal /o/				Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Feminino	90/449	20%	0,56	0,251	165/711	23,2%	0,56	0,264
Masculino	98/599	16,4%	0,43	-0,251	156/738	21,1%	0,43	-0,264
TOTAL:	188/1048				321/1449			

Desvio: 785,232 $p < 0,05$ Média: 0,179

Desvio: 1032,146 $p < 0,05$ Média: 0,222

Tabela 9 - Gênero

No que se refere à variável Gênero, as mulheres mostram-se mais atuantes pois resultados de peso relativo estão pouco acima do ponto neutro.

Apresentamos no Gráfico 2 a seguir as porcentagens obtidas dessa variável, as quais representam o uso relativamente maior das mulheres.

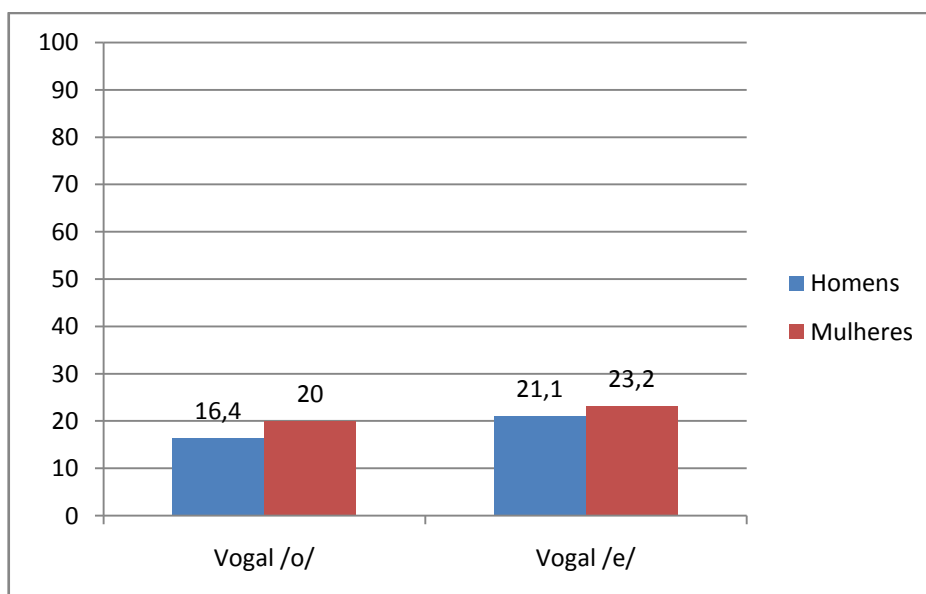


Gráfico 2 - Resultados da Variável Gênero

Depreende-se do Gráfico 2, assim como da Tabela 9, que as mulheres são relativamente mais ativas do que os homens no uso da harmonia vocálica, embora a diferença não seja expressiva.

Quanto à escolaridade, os resultados encontrados estão expostos na Tabela 10. Tanto para /o/ quanto para /e/ os dados mostram que quanto maior o nível de estudos mais se aplica a regra.

FATOR	Vogal /o/				Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Ensino Médio e Pré-Vestibular	105/493	21,3%	0,56	0,247	148/697	21,2%	0,54	0,175
Ensino Médio	83/555	15%	0,43	-0,247	173/752	23%	0,45	-0,175
TOTAL:	188/1048				321/1449			

Desvio: 581,64 p<0,05 Média: 0,179 Desvio: 1008,971 p<0,05 Média: 0,222

Tabela 10 - Escolaridade

Todavia, a diferença entre os dois níveis escolares é pequena, sugerindo talvez uma maior estratificação para a amostra.

Para fins elucidativos, por meio do programa Rbrul, realizou-se um cruzamento entre a idade dos informantes e a proporção de aplicação da harmonia vocálica. A variável faixa etária controla dois fatores, mas os dados também foram especificados por idade dos informantes, conforme a Figura 13.

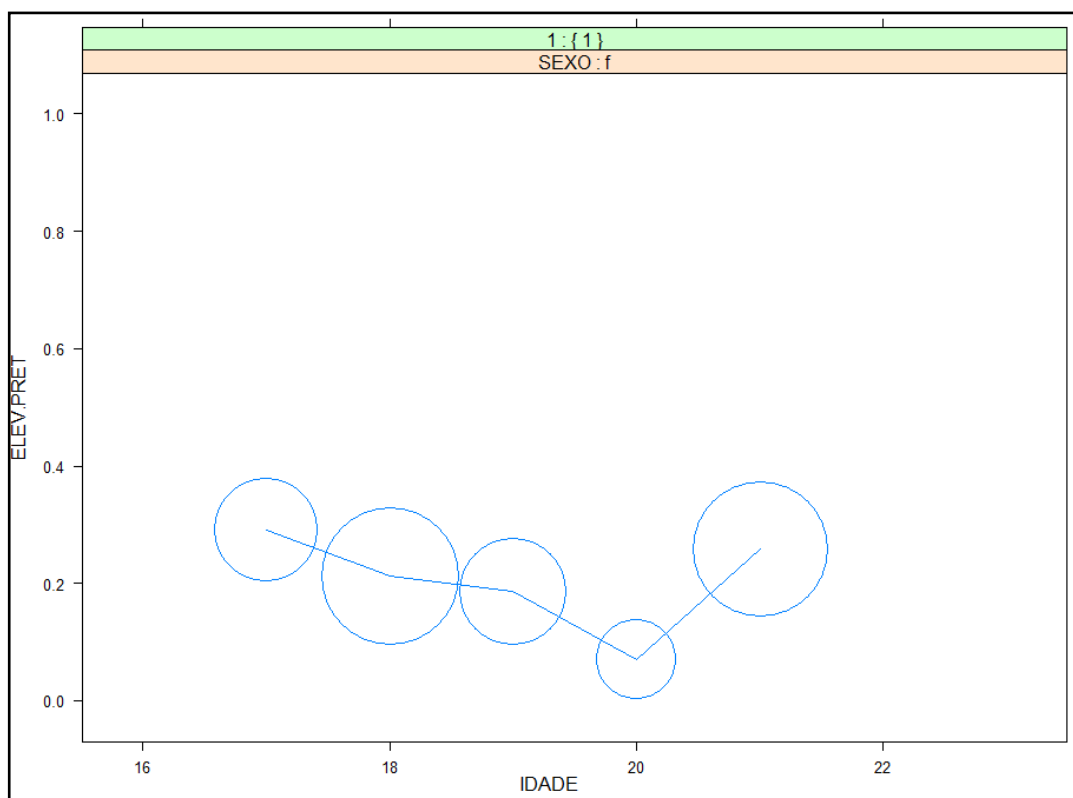


Figura 13 - Cruzamento de Idade e Proporção de Elevação – Gênero Feminino

Observa-se na Figura 13 quatro faixas etárias para os informantes do gênero feminino, e um uso relativamente baixo da regra. O mesmo acontece para os informantes do gênero masculino, na Figura 14.

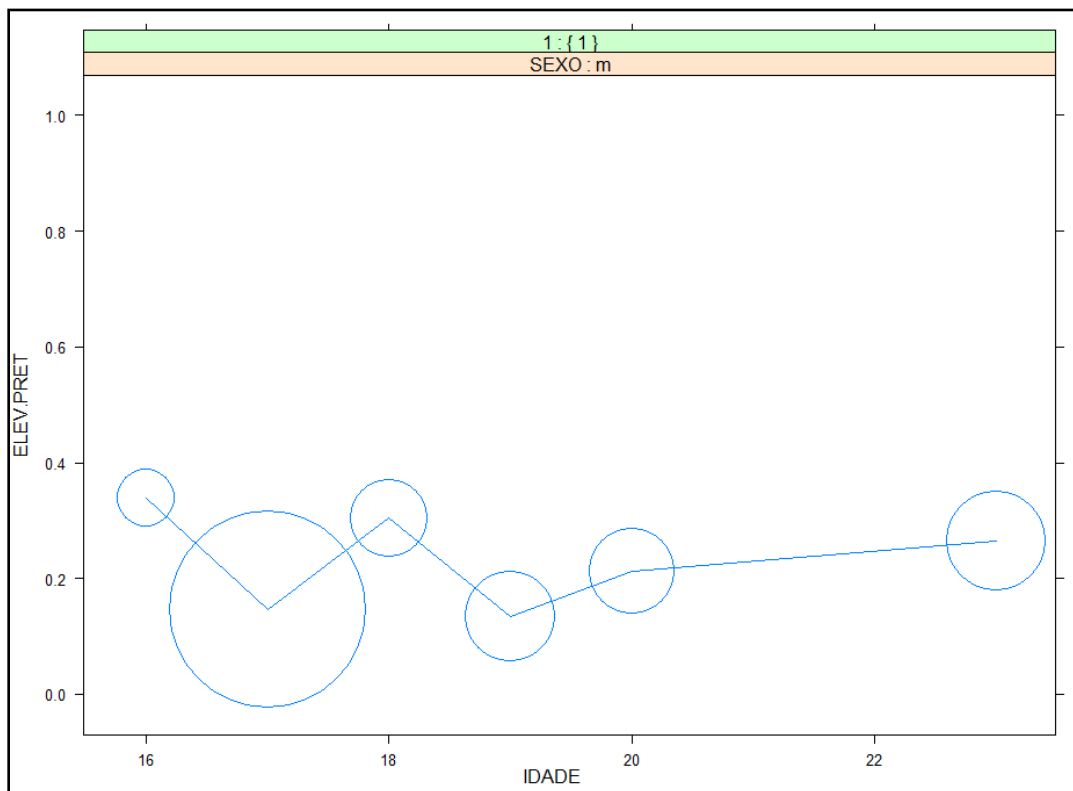


Figura 14 - Cruzamento de Idade e Proporção de Elevação – Gênero Masculino

Os círculos indicam uma maior quantidade de dados, por exemplo, de informantes entre 16 a 18 anos. Observa-se que não há nenhum padrão que indique que se trata de uma variação em regresso. Apesar das faixas etárias serem relativamente próximas, percebe-se que a harmonia se encontra estável na amostra em questão.

Estabelecendo um comparativo dos resultados encontrados em nossa pesquisa em relação a outros estudos de mesmo tema, obtivemos resultados significantes e equiparáveis em relação às variáveis linguísticas, com algumas exceções, como a homorganicidade, justificada pela possível frequência lexical do item *segundo/segunda* de aplicação quase categórica. No que concerne às variáveis extralinguísticas, não possuímos nenhum indício de que fatores sociais possam estar exercendo alguma interação na regra, exceto o uso relativamente mais

acentuado pelo gênero feminino, como já foi constatado em diversos estudos de regras variáveis.

5.3 AMÁLGAMA COM VISTA À COMPARAÇÃO

Este sub-item diz respeito às amálgamas necessárias para comparação com outras análises semelhantes e busca de possíveis generalizações. Assim, realizamos uma nova rodada. Fez-se necessário apenas a realização de amálgamas na contiguidade. As demais já se encontram em consonância com as de pesquisas precedentes.

A variável que diz respeito à contiguidade foi escolhida para as duas vogais médias.

FATOR	Vogal /o/				Vogal /e/			
	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD	APLICAÇÃO	%	PESO	LOG-ODD
Contíguo coriza, menina	185/805	23%	0,87	1,92	315/1276	24,7%	0,69	0,833
Não-Contíguo boletim, pedacinho	3/243	1,2%	0,12	-1,92	6/173	3,5%	0,30	-0,833
TOTAL:	188/1048				321/1449			

Desvio: 636,754 $p < 0,05$ Média: 0,179 Desvio: 1118,752 $p < 0,05$ Média: 0,222

Tabela 11 - Contiguidade

O ponto a ser salientado é que a vogal alta contígua, uma ou mais de uma, constitui o fator relevante para as duas vogais pretônicas, com pesos relativos de 0,87 para /o/ e 0,69 para /e/, e a não-contígua apresenta valores mínimos.

Feitas as amálgamas necessárias com vista a fornecer adequadamente questões de comparatividade, passamos às tentativas de generalização dos resultados encontrados com os de análises prévias de harmonia vocálica do dialeto gaúcho.

5.4 TENTATIVA DE GENERALIZAÇÃO DE RESULTADOS DE ESTUDOS DE HARMONIA VOCÁLICA NO DIALETO GAÚCHO

Este capítulo apresenta suporte no que diz respeito a métodos de comparação e generalização de dados sociolinguísticos, com base em Bailey e Tillery (2004), (item 2.3). Retomamos, pois, nossos resultados com a tentativa de comparação com pesquisas precedentes realizadas com dados do dialeto gaúcho.

Dos trabalhos analisados, foram extraídas informações a respeito da origem dos dados, constituição das amostras e estratégias de composição das variáveis. Devido aos pesquisadores utilizarem diferentes métodos para composição de seus estudos, houve problemas na generalização que se pretendia. Ainda assim, conseguimos encontrar resultados comuns e justificados que indicam um comportamento geral da regra.

São 4 as pesquisas sobre harmonia vocálica no dialeto gaúcho que consideraremos neste estudo, conforme o Quadro 11.

Autor	Ano	Denominação
Bisol	1981	E1
Schwindt	1995	E2
Schwindt	2002	E3
Casagrande	2004	E4

Quadro 11 - Pesquisas Utilizadas na Revisão

O estudo de Bisol (1981) diferencia-se de forma significativa dos que o seguiram, por ter levado em conta todas as vogais médias em pauta pretônica, e também aquelas em que não havia vogal alta na sílaba seguinte. A partir disso, estima-se que, de fato, é a presença de uma vogal alta em sílaba subsequente o principal condicionador da regra de HV.

O Quadro 12 mostra os estudos referidos E1, E2, E3, E4 em sua totalidade de dados. Dessas pesquisas, retomaremos apenas os dados referentes à Porto Alegre, para fins de comparação, expostos no Quadro 13.

Autor/ Ano	Cidades/ Informantes	Total de Informantes e Dados	Faixa Etária	Escolaridade	Gênero	Grupo Geográfico (etnia)
E1 Bisol (1981)	Veranópolis - 8 Taquara - 8 Santana do Livramento - 8 Porto Alegre - 12	44 informantes	25-35 36-45 46-55 56 ou mais	Fala Popular Fala Culta	Masculino Feminino	Italianos Alemães Fronteiriços Metropolitanos
E2 Schwindt (1995)	Porto Alegre - 12 Curitiba - 12 Florianópolis - 12	36 informantes	25-50 50 ou mais	Tempo de estudo: 0 a 4 anos 4 a 8 anos 8 a 12 anos	Masculino Feminino	Metropolitanos
E3 Schwindt (2002)	Flores da Cunha - 16 Panambi - 16 São Borja - 16 Porto Alegre - 16	64 informantes	25-50 50 ou mais	Primário Segundo Grau	Masculino Feminino	Italianos Alemães Fronteiriços Metropolitanos
E4 Casagrande (2004)	Porto Alegre	12 informantes	25-35 36-45 46-55 56 ou mais	Superior	Masculino Feminino	Metropolitanos

Quadro 12 - Características das Amostras Completas de E1, E2, E3, E4

Segue-se o Quadro 13.

Autor/ Ano	Cidades/ Informantes	Total de Informantes	Faixa Etária	Escolaridade	Gênero	Grupo Geográfico (etnia)
E1 Bisol (1981)	Porto Alegre	12 informantes	25-35 36-45 46-55 56 ou mais	Superior	Masculino Feminino	Metropolitanos
E2 Schwindt (1995)	Porto Alegre	12 informantes	25-50 50 ou mais	Primário Ginásial Secundário	Masculino Feminino	Metropolitanos
E3 Schwindt (2002)	Porto Alegre	16 informantes	25-50 50 ou mais	Primário Segundo Grau	Masculino Feminino	Metropolitanos
E4 Casagrande (2004)	Porto Alegre	12 informantes	25-35 36-45 46-55 56 ou mais	Superior	Masculino Feminino	Metropolitanos
E5 Fernandes (Nossos Dados)	Porto Alegre	19 informantes	16-19 20-24	Ensino Médio Curso Pré- Vestibular	Masculino Feminino	Metropolitanos

Quadro 13 - Características das Amostras de Porto Alegre de E1, E2, E3, E4, E5

Todos os valores expostos no Quadro 13 são do dialeto da cidade de Porto Alegre, embora com algumas diferenças relativas à idade, entre essas:

- Em E1 e E4 foram divididas quatro faixas etárias: 25-35, 36-45, 46-55, 56 +.
- E2 e E3 foram selecionadas duas faixas etárias: 25-50, 50 +.
- Por fim, nesta pesquisa, temos as faixas 16-19, 20-24, não presente em outros estudos.

Numeramos a presente pesquisa, com a faixa etária jovem, como E5.

5.4.1 Tentativas de Generalização

Por realizar um estudo de tendências, em que o investigador volta à mesma comunidade de um estudo precedente, escolhe informantes e obtém os dados usando os mesmos critérios, a pesquisa de recontato de Casagrande (E4) é diretamente comparável à Bisol (E1), pois as variáveis e os fatores escolhidos permaneceram os mesmos. Do estudo de Bisol, delimitamo-nos apenas à fala culta de Porto Alegre, que contou com um total de 2.364 ocorrências para a vogal /e/ e 2.128 ocorrências para a vogal /o/. Em Casagrande, os números são semelhantes: 2.121 ocorrências para a vogal /e/ e 1.930 para a vogal /o/. Observam-se as duas amostras na Tabela 12.

Amostra de Final de 70 (Bisol)				Amostra de Final de 90 (Casagrande)			
/e/		/o/		/e/		/o/	
Total/Aplic.	%	Total/ Aplic.	%	Total/ Aplic.	%	Total/Aplic.	%
503/2.364	21	465/2.128	22	300/2.121	15	271/1.930	14

Tabela 12 - Aplicação da regra de HV para /e/ e /o/ de Bisol e Casagrande (CASAGRANDE, 2004, p. 72)

Há um breve decréscimo no uso da regra de HV no período de tempo entre a primeira amostra e no recontato, respectivamente, Bisol e Casagrande.

Ao compararmos os estudos E2 e E3 com este trabalho, elencamos as variáveis, conforme o quadro a seguir:

	Homorg.	Contiguidade	Nasalidade	Atonicidade da Vogal	Classe Gramatical	Tipo de Sílabas	Contexto Precedente	Contexto Seguinte	Localização Morfológica
E2									
E3									
E5									

Quadro 14 - Variáveis Consideradas nos Estudos de Harmonia Vocálica

Como se observa, somente duas generalizações são possíveis, pois há diferenças entre as amostras (quadros sombreados), não só em relação à quantidade de dados, mas também em relação à subclassificação dos fatores das variáveis. As possibilidades são as variáveis contiguidade e atonicidade da vogal.

A Tabela 14 mostra os dados da contiguidade.

	Contíguo		Não-Contíguo	
	/e/ menina	/o/ coriza	/e/ negativo	/o/ cobertura
E3	40%	47%	13%	18%
E5	25%	23%	3%	1%

Tabela 13 - Dados da Contiguidade em E3 e E5

Esses resultados são expressivos, pois, embora os Algarismos não sejam os mesmos de E3, os valores permitem afirmar que a contiguidade é um fator relevante na harmonia vocálica. Os resultados estão de acordo com as expectativas.

Quanto à variável atonicidade da vogal alvo, ao compararmos este estudo com os dados de de Bisol (1981), e os dados gerais de Schwindt (1995), observamos resultados semelhantes conforme exposto no Gráfico 3:

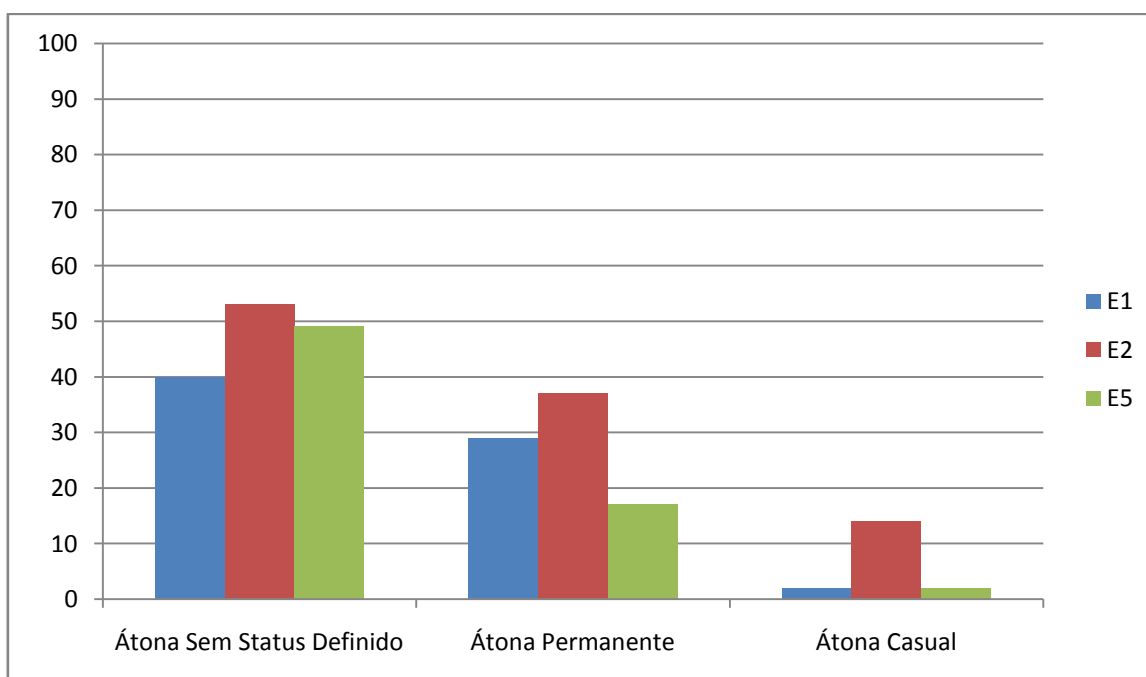


Gráfico 3 - Atonicidade da Vogal Alvo para /e/

Há, no Gráfico 3, algumas diferenças apenas em relação ao número de dados da amostra. Nos 3 estudos, a ordem dos fatores permanece a mesma: a átona sem status definido apresenta-se com maiores índices, a átona permanente com valores intermediários, e a átona casual com os valores mais baixos.

Os mesmos resultados quanto à relação de fatores desta variável foram encontrados para a vogal /o/, exposta a seguir no Gráfico 4.

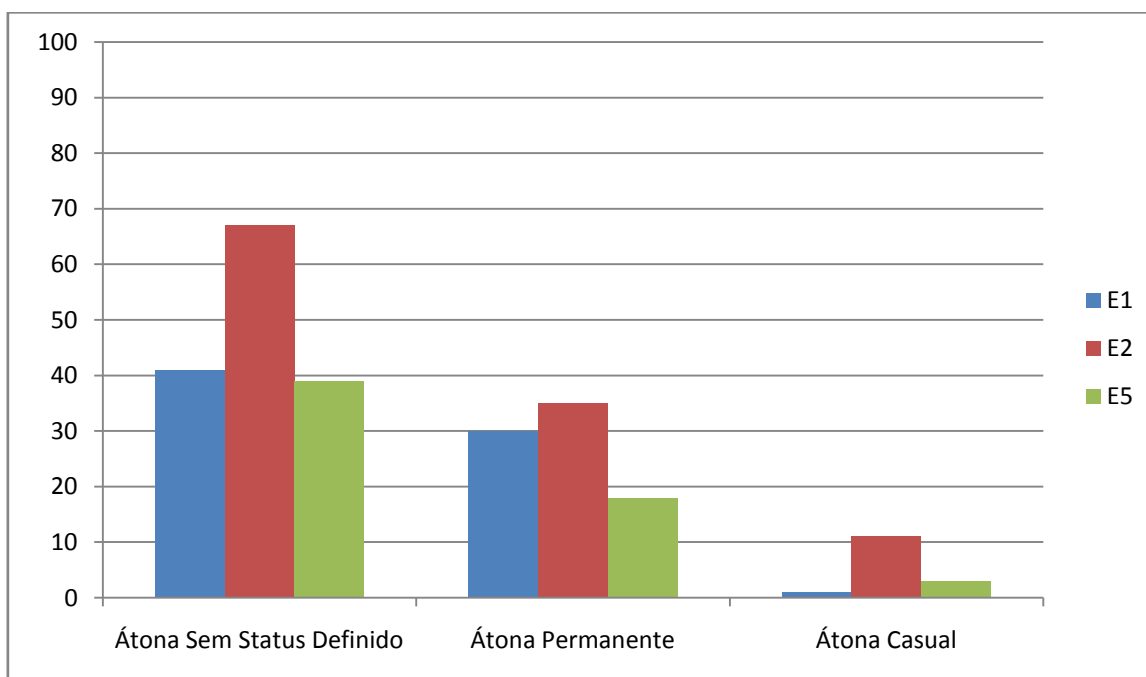


Gráfico 4 - Atonicidade da Vogal Alvo para /o/

A generalidade é captável sobretudo no fator de átona sem status definido, seguida da átona permanente. Por conseguinte, a atonicidade da vogal é um fator importante.

Considerando-se os resultados generalizáveis referentes aos condicionamentos da regra variável de harmonia vocálica, a presente pesquisa, realizada com dados de fala de Porto Alegre permite duas generalizações:

- i) com relação à contiguidade, os valores encontrados nesta pesquisa em comparação a pesquisas precedentes confirmam que é um fator relevante para a regra de HV;
- ii) para a atonicidade, que dá relevância à vogal alvo não derivada, isto é, sem status definido e átona permanente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo a descrição e análise da regra de harmonia vocálica do português falado em Porto Alegre - RS, fenômeno característico da pauta pretônica, com fundamentos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista e Geometria de Traços para descrição da regra.

A taxa de aplicação da variável é relativamente baixa na amostra de jovens escolarizados, uma vez que apresentou proporção de 18% para a vogal /o/ e 22% para a vogal /e/. Esses percentuais baixos diferem de algumas análises anteriores, porém há precedentes.

No que diz respeito ao papel desempenhado pelos fatores, a análise estatística indicou que a elevação de /o/ é favorecida nos seguintes contextos: consoante labial ou velar precedentes e consoante alveolar ou alveolar sibilante [s,z] seguintes. A heterorganicidade mostrou-se efetiva para o alçamento de /o/, o que se explica pelo poder de assimilação da vogal /i/.

Quanto à vogal média /e/, a heterorganicidade mostra-se também um fator relevante, diferentemente de pesquisa anteriores, o que justificamos pela frequência de itens lexicais de aplicação quase categórica nesta amostra. A vogal /e/ é favorecida principalmente por: consoante precedente sibilante [s,z] e velar; e no contexto seguinte por consoantes velares.

A elevação de ambas as vogais /e/ e /o/ é favorecida pela contiguidade, por sílabas sem coda, e pela atonicidade da vogal, isto é, átona sem status definido (de verbos) e átona permanente.

O papel das variáveis sociais foi selecionado como relevante pelo programa estatístico mostrando que o alçamento é relativamente mais acentuado para indivíduos do gênero feminino. Embora não haja um diferencial representativo na estratificação na escolaridade, há um uso relativamente maior da regra pelos pré-vestibulandos.

A partir de estudos feitos no Rio Grande do Sul sobre o fenômeno da harmonia vocálica, tentamos, por meio de um estudo comparativo, buscar as generalizações possíveis, as quais a análise permitiu duas: a contiguidade e a atonicidade da vogal alvo.

Por fim, os resultados mostraram que a regra mantém-se como variável estável, assim como verificado em amostras precedentes. Reconhecemos que uma amostra maior poderia trazer resultados mais sólidos, mas tudo indica que as generalizações alcançadas constituem condicionamentos básicos da harmonia vocálica.

APÊNDICE A - Lista de palavras que constituíram o corpus.

abertura	aprendizagem
absolutamente	aproximar
academia (11)	argentina (7)
academias (2)	Argentino
acessível (6)	argentinos (2)
acontecia (4)	arquitetura (10)
acontecido (2)	atendia
acostuma (2)	avenida
acostumada (2)	aventura (2)
acostumado (2)	bateria (2)
acostumando (2)	bebida (6)
acostumar (2)	bentinho
acostumei	bexiguinha
acredita (2)	bolachinha
acreditam (3)	boletim (2)
acreditar (7)	boliche
acreditava	bolinha
acredito (11)	bolinho
adesivo	Bolívia
agredido	bonequinha (2)
agredir (2)	bonequinho (2)
alcoolismo	bonita (9)
alegria (2)	bonitas (3)
alfabetizado	bonitinha
alfabetizou	bonitinho (3)
alimentícia (3)	bonito (13)
alternativo	bonitos
alternativos	bonzinho
amadureci (2)	cabeluda
americana	cachorrinha
americanizada	cachorrinho (2)
americanizado (4)	caderninho
americanizados	característica
americano (4)	características (2)
amorzinho	catequista (3)
analfabetização	catequizar (2)
apareciam	catolicismo
apostila (3)	centrinho
aprendi (18)	cerimônia (2)
aprendido (3)	certinho (4)

chancezinha
 chegariam
 cheirozinho (2)
 chinelinho
 choperia (2)
 cidadezinha
 colorida (2)
 coloridas (2)
 coloridas
 coluna
 combinando
 combinava
 começaria (2)
 comia (3)
 comida (26)
 comidas (3)
 competindo (2)
 complicação (3)
 complicações (6)
 complicada (5)
 complicadas (4)
 complicadinha
 complicado (20)
 complicaram
 complicou
 comprido (2)
 compromisso (10)
 compromissos (2)
 compulsivo
 computação (2)
 computador (20)
 computadores
 comum (3)
 comunhão (2)
 comunicação (3)
 comunicar
 comunidade (3)
 comunista
 concorrido (4)
 concretização (2)
 concurso
 condições (21)
 confia

confiam
 confirmam
 conflito
 confusa
 confusão (6)
 conheceria (3)
 conheci (32)
 conhecia (8)
 conheciam (2)
 conhecida (4)
 conhecido (12)
 conhecidos (10)
 conhecimento (12)
 conhecimentos (2)
 consegui (57)
 conseguia (3)
 conseguido (4)
 conseguir (16)
 conseguiram (6)
 conseguisse (2)
 conseguiu (2)
 considera (3)
 considerado (2)
 considero (7)
 consiga (3)
 consigo (18)
 constituir
 construção (4)
 construir
 construïrem
 consumidor
 contabilidade
 continente (2)
 continua (5)
 continuam (2)
 continuando
 continuar (13)
 continuei
 continuo
 continuou
 contradições
 contribuí
 contribuïam (2)

convida	decididos
convidado (3)	decidindo
convidam	decidir (6)
convidavam	decidiram
convido	decidiu
convivência (4)	decimal
convivências	decisões (3)
convivendo	dedicado
conviver (3)	dedicando (2)
conviveu	dedicar
convívio	dedico
cordilheira	dedução
cordilheiras	defini
correria (2)	definido
correspondida (3)	definir (3)
corria	definiria
corrida (3)	delegacia (4)
corrido	democracia (2)
corrigia	demonstrativa (2)
corrigiram	dentista
corrigirem (2)	denúncia
corrupção (3)	denunciaram
costuma (5)	depuseram
costumava	desculpa (2)
costume (3)	desculpas
costumes (3)	desisti (3)
costumo (2)	desistir (3)
costurada	desistiram
costuradinha	destino
cotinha	desvencilhar (2)
cozinha (2) (verbo)	determinação (6)
cozinha (2) (subst.)	determinados (2)
cozinhar (3)	deveria (8)
cozinhas	deveriam (6)
cozinhei	devia (9)
cozinheiro	deviam
cozinho (6)	disponibilidade
crescido	disposição
crescimento (3)	diverti
danceteria (8)	divertido (12)
decidi (7)	divertindo (7)
decidia (2)	divertir (10)
decidido (6)	documentário (3)

documentários	especificidade
dominaria	específico
domingo (7)	espertinho
domingos	esportivas
dormi	esportivos
dormia	esqueci (3)
dormida (2)	esquecia
dormindo (6)	evitar
dormir (7)	evolução (2)
economia (45)	existe
economicamente (3)	existem
economizando (2)	experiência
edifício (2)	experimental (2)
edifícios (2)	famosinha
educação (35)	favorecido (4)
educações	fazeria
educada	feliz (15)
educadas	felizes
educado (2)	festinha
efetivo (6)	festiva
eletricidade (2)	festivais
empregadinha	festival (2)
empreguinho (3)	filhotinho
energia (4)	Floripa (2)
engenharia (9)	fofoquinha (2)
engenharias	folhinhas
entendi	formatura (11)
entendia (2)	fornicação
entendiam	fornicar
entendimento	fortunas
entrevista	fotinhos
equipe (5)	gordinha (2)
escolhi (7)	gostaria (14)
escolhido	grossura
escolinha	historinha
escondido (2)	historinhas
escrevi (4)	horarinho
escrevia	horinhas
especializado	horripilante
especializando	horríveis (3)
especializar (2)	horrível (19)
especificamente (3)	hospitais (2)
especificar	hospital (4)

identidade
 identífico
 identifiquei
 igreja
 Impossível (15)
 imprevisível
 improvisando
 incentivamos
 incentivando (3)
 incentivava
 incentivo (3)
 incentivou
 indeciso
 inexplicável
 infeliz (2)
 infelizmente (4)
 infernizando
 inscrevi
 inteligência (2)
 inteligente (9)
 interativos
 investimento (2)
 investir
 irresponsabilidade (4)
 jejum
 joguinho (2)
 juventude (10)
 lancheria
 legalizado
 legalizar (10)
 legume (10)
 letivo
 literatura (12)
 lobisomens
 loja
 medicamento
 medicamentos
 medicina (35)
 melodia (2)
 melodias (2)
 mendigo
 menina (8)
 meninas (2)

menino (2)
 meninos
 menisco (2)
 mentira (2)
 metalúrgico
 meti (2)
 metiam
 medida
 metidinha
 metido
 metrologia (6)
 metrologista (3)
 metropolitana (6)
 metropolitano (3)
 mitologia (2)
 modalidades
 modinha (2)
 monitor
 monitorar
 Montevideu (2)
 moradia (2)
 morria (2)
 morrinho
 morrinhos
 motiva
 motivação
 motivar
 motivo (6)
 motivos (5)
 motivou
 namorinho
 necessidade (22)
 necessitadas (2)
 necessitam (2)
 negocinho (2)
 notícias (2)
 novidades (2)
 Obirici
 objetiva (4)
 objetivo (9)
 objetivos (6)
 obriga
 obrigação

obrigada
obrigado (6)
obrigar (2)
obrigatória
obrigatórias (5)
obrigatório
ocidental (2)
ocupado (2)
ocupando
oficina
olimpíada
opinião (15)
opiniões (8)
oportunidade (10)
oportunidades (2)
organismo
organização (3)
organizada
organizado
organizar
organizava (2)
origem
origens (2)
parecia (2)
parecida
parecido
partezinha (2)
pedagogia (2)
pedi
pedia (2)
pediatria
pedindo (3)
pedir (3)
pediram
pedirem
peludo
pequeninha (2)
pequeninha (2)
pequeninho (4)
percebi (4)
perdida
perdido
pergunta (5)

perguntam
perguntar (6)
perguntas
perguntava (2)
perguntavam
perguntei (2)
perguntou (4)
perigo
perigoso
personalidade (8)
pertinho (3)
pesquisa (5)
pesquisando (3)
pesquisar
pesquisas
pesquisei
poderia (28)
poderiam (2)
poderzinho (2)
podia (12)
Policarpo
Polícia (6)
policiais
política (17)
politicamente
políticas
políticos (6)
popular (2)
populares
porcaria (4)
porcarias
porquinha (4)
Portugal (7)
português (33)
posição (2)
positivos
possibilidade (2)
possibilidades
possível (9)
postinho
precisa (15)
precisam (4)
precisamos

precisando (3)	queridinho
precisar (2)	querido
precisaria	queridos
precisava (8)	ranhozinho
precisavam	receptionista (4)
preciso (8)	recuperação (6)
preferiam (2)	refiro
preferida (4)	refrizerinho
prefiro (18)	regime (2)
preguiçosa	regredi (4)
prejudicando (2)	relativamente
prejudicaria	religião (22)
presidente (3)	religiões (3)
prestativas	religiosa (2)
prevenir (2)	religioso (10)
previne (2)	religiosos
probleminhas (4)	rematrícula
procura (5)	remunerado
procuram (3)	rendimento
procurando (4)	repartido
procurar (10)	repelidas (2)
procurava	repetir
procurei (2)	repugnantes
procuro (6)	resolveriam (2)
produtivo	resolvi (3)
produto	responsabilidade (14)
produtora	resultado (4)
produtos	resumo (3)
produzir	retirado
profecias (2)	retirar
profissão (5)	retiro (subst.)
profissionais	retrucar
profissional (8)	revisão (4)
profissionalmente	revisar (2)
prometido (2)	revista (6)
prostituíam	revistinha (4)
prostituta	revistou
protegido (2)	revolução (2)
Província	rodovias (2)
Proximidade (2)	rompi (2)
queria (49)	rotina (16)
queriam (8)	seguido (2)
querida (5)	seguindo (2)

seguir (8)
segunda (20)
segundo (69)
segurança
segurando
seguraram
seguro (6)
senti (4)
sentia (3)
sentido (15)
sentidos
sentindo (4)
sentir (6)
seria (9)
seriadinhos
servi (4)
serviço (14)
serviços
servir (5)
sobreviventes (2)
sobreviver (2)
sobrinha
socialismo (2)
socialista
sofri (2)
solidariedade (3)
solução (6)
subjetivo
sucedida (3)
supletivo (8)
tardezinha
tecnologia (10)
televisão (34)
teminha
temperinho (2)
tentaria
tentativa
teria (2)

termina (3)
terminar (12)
terminaram
terminasse
terminava
terminei (6)
terminou (4)
território
testemunha (20)
testemunhas (2)
testemunho (2)
toquinho
trilogia
trompinhas
tropical
universidade (14)
universitário
utopia (10)
valeria
valorizada
valorizam
valorizar (2)
vendidas
verãozinho
verdura (3)
verduras
vestibulando
vestibular (89)
vestibulares
vestida
vestido
vestir (2)
veterinária (6)
vocabulário (5)
voluntário
vomitar

APÊNDICE B - Aprovação do Comitê de Ética

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Harmonia Vocálica em Jovens Escolarizados de Porto Alegre: Uma Análise Variacionista

Pesquisador: Leda Bisol

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 17729913.6.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 367.302

Data da Relatoria: 16/07/2013

Apresentação do Projeto:

De acordo.

Objetivo da Pesquisa:

Claramente expostos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há comentários adicionais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

De acordo.

Recomendações:

Não há recomendações adicionais.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As solicitações de esclarecimentos foram plenamente atendidas.

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Av.Ipiranga, 6681

Bairro:

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (513)320--3345

Fax: (513)320--3345

E-mail: cep@puhrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 367.302

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

As pendências relatadas no parecer anterior foram resolvidas plenamente.

PORTO ALEGRE, 21 de Agosto de 2013

Assinador por:
caio coelho marques
(Coordenador)

Endereço: Av. Ipiranga, 6681

Bairro:

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (513)320--3345

Fax: (513)320--3345

E-mail: cep@pucls.br

REFERÊNCIAS

- ALVES, Marlúcia Maria. *As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte: estudo da variação à luz da Teoria da Otimalidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Tese (Doutorado), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- ABRAMOWICZ, L. *Sociolinguistics meets exemplar theory: Frequency and recency effects in (ing)*. U. Penn Working Papers in Linguistics, vol. 13.2, p.27-37, 2007.
- BAILEY, Guy; TILLERY, Jan. Some sources of divergent data in Sociolinguistics. In: FOGHT, Carmen (ed.). *Sociolinguistic Variation: Critical Reflections*. New York: Oxford University, 2004. p. 11–30.
- BARBOSA DA SILVA, Myrian. *As pretônicas na fala baiana: a variedade culta de Salvador*. 1989. Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, 1989.
- _____. *Pretônicas fechadas na fala culta de Recife*. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (Orgs.). *Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 320-336.
- BATTISTI, Elisa. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. Porto Alegre. Dissertação de mestrado, 1993.
- BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Rio de Janeiro. Tese de doutorado, 1981.
- BORTONI, Stela M.; GOMES, Elisabete; MALVAR, Christina. *A variação das vogais pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical*. Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, ano 1, v. 1, p. 9-29, jul.-dez., 1992.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; COUTINHO, L. *Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no Rio de Janeiro*. *Organon*, 18, v.5. Porto Alegre, 1991, p.71-78. 1991.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 42 ed. Petrópolis: Vozes, 2009[1970].
- CASAGRANDE, Graziela Pigatto Bohn. *Harmonização vocálica : análise variacionista em tempo real*. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. 2004.
- CEDERGREN, H.; SANKOFF, D. *Variable rules: performance as a statistical reflection of competence*. *Language*, Baltimore, v.50, n.2, p. 333-355, 1974.
- CÉLIA, Gianni Fontis. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES*. Campinas: UNICAMP, 2004. Dissertação (Mestrado), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Massachusetts: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The sound pattern of English*. New York: Harper and row, 1968.

CLEMENTS, George N. *The geometry of phonological features*. Phonology Yearbook, London, n.2, p. 225-252, 1985.

CLEMENTS, George; HUME, Elizabeth. *The internal organization of speech sounds*. In: GOLDSMITH, John (Org.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995.

CRUZ, Marion Costa. *As vogais médias pretônicas em Porto Alegre-RS: um estudo sobre o alicamento sem motivação aparente* [documento impresso e eletrônico]. Porto Alegre. Dissertação de mestrado, 2010.

DIAS, Melina Rezende. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e Ouro Branco*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

GOLDSMITH, John A. *Autosegmental phonology*. New York, NY: Garland, 1979.

GRAEBIN, Geruza de Souza. *A fala de Formosa – GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*. Brasília: UnB, 2008. Dissertação (Mestrado) Instituto de Letras – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, Universidade de Brasília, 2008.

GUIMARÃES, Rubens Vinícius M. *Variação das vogais médias em posição pretônica nas regiões Norte e Sul de Minas Gerais: uma abordagem à luz da Teoria da Otimidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

JAKOBSON, R. *Selected Writings* (ed. Stephen Rudy). The Hague, Paris, Mouton. vol. 1, Phonological Studies, 1962.

JOHNSON, Daniel Ezra. *Rbrul Manual*. Disponível em: http://www.danielezrajohnson.com/Rbrul_manual.html. Acesso em 02 de jun. de 2013.

JONES, Daniel. *An outline of English phonetics*. Cambridge: Heffer & Sons, 1957.

KLUNCK, Patrícia. *Alicamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente* [documento impresso e eletrônico]. Porto Alegre. Dissertação de mestrado, 2007.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics. 1966.

_____. *Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. in: Language in the inner city. p.715-762. 1969.*

_____. *Sociolinguistic patterns. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press, 1972.*

_____. *Principles of Linguistic Change – Internal Factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.*

_____. *Principles of Linguistic Change – Social Factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.*

_____. *Padrões Sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.*

LOPEZ, Barbara S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan Dialect). Tese de Doutorado, PhD. Los Angeles: University of California, 1979.*

MAIA, Vera Lúcia M. *As pretônicas médias na fala de Natal. Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, n. 5, p. 209-225, 1986.*

PEREIRA, Regina Celi Mendes. *As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano. Paraíba: UFP, 1997. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1997.*

RICKFORD, John R., MCNAIR-KNOX, Faye. Addressee- and topic-influenced style shift: a quantitative sociolinguistic study. In: *Sociolinguistic Perspectives on register*, ed. Douglas Biber e Edward Finnegan, 235-276. Oxford: Oxford University Press. 1994.

ROUSSEAU, P.; SANKOFF, D. *Advances in variable rule methodology. In: ROUSSEAU, P.; SANKOFF (orgs.). Linguistic variation: models and methods. New York: Academic Press, 1978, p. 57-69.*

SAPIR, Edward. *Language: An introduction to the study of speech. New York: Harcourt, Brace and company, 1921.*

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2006[1916].*

SILVA, Ailma Nascimento. *As pretônicas no falar teresinense. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre, 2009.*

SILVA, Márcia Eliane da. *O açamento das vogais médias pretônicas na fala de São José do Norte/RS: Harmonia Vocálica. Dissertação de Mestrado. UFRGS. Porto Alegre, 2012.*

SCHENKEL, Maria da Graça da Cunha. *Porto Alegre: prazer em conhecê-la!. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.*

SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre, 1995.

_____. *A regra variável de harmonização vocálica no RS*. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Claudia (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.161-182, 2002.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

TRUBETZKOY, Nikolai. *Principles of phonology*. Berkeley: University of California Press, 1969.

VAN DER HULST, Harry; VAN DE WEIJER, Jeroen. *Vowel Harmony*. In: GOLDSMITH, John (Org.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995.

VIEGAS, Maria do Carmo. *O Alçamento das vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. In: Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 101-123, jul./dez., 1995[1987].

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *Neutralização das vogais médias postônicas*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *As vogais médias-postônicas: uma análise variacionista*. Em: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Claudia. (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

WETZELS, W. L. *Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 23, p. 19-55, 1992.

OBRAS CONSULTADAS

BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

FURASTÉ, Pedro Augusto. *Normas técnicas para o trabalho científico: explicitação das normas da ABNT*. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2012.

LABOV, William. *Resolving the Neogrammarian Controversy*. In: *Language*. Vol. 57, n. 2. Baltimore: Waverly Press, p. 267– 308, 1981.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Teoria Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. *The Neogrammarian Controversy Revisited*. In: *International Journal of the Sociology of Language*, 89. p. 93-105, 1991.

WANG, W. S. -Y e C.-C. Cheng (1977). *Implementation of phonological change: the Shuang-Feng Chinese Case*. In: W.S-Y. WANG (org.) *The lexicon in phonological change*. The Hague: Mouton.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.